



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS AGRÍCOLAS

JASIEL JOSÉ DE LIMA

RELATÓRIO FINAL DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO

RECIFE

2019

JASIEL JOSÉ DE LIMA

RELATÓRIO FINAL DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO

Relatório apresentado para avaliação do estágio referente ao curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas da UFRPE como requisito para a conclusão do curso.

Orientadoras do estágio e relatório:

ECO I – Prof^ª. Gilvânia de Oliveira Silva de Vasconcelos

ECO II – Prof^ª. Andréa Alice da Cunha Faria

ECO III – Prof^ª. Suely Alves da Silva

RECIFE

2019

Ao pensar em dedicar este trabalho a alguém, me vem à memória muitas pessoas, provavelmente as mesmas que deverei citar nos agradecimentos. Então, dedico este, a todas elas que de alguma forma estiveram ao meu lado até hoje, seja por muito o pouco tempo, pois a cada contato que temos com alguém, nos é oportunizado o aprender, o refletir sobre algo que vai compor nosso ser, influenciando nossa vida. Porém, um agradecimento especial a duas pessoas, a minha esposa Ailza, pois só comecei a fazer um curso universitário graças a seu incentivo, e sobretudo a Deus, pois como disse o apóstolo Paulo em sua carta aos Colossenses 1:16 e 17 (Bíblia Sagrada – Novo Testamento): “Porque nele foram criadas todas as coisas que há, nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por ele e para ele; E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele.” Assim, fui criado por Ele e para Ele e só acordo a cada manhã graças a Ele.

AGRADECIMENTOS

Como disse o filósofo Grego Epicuro: “as pessoas felizes lembram o passado com gratidão, alegram-se com o presente e encaram o futuro sem medo”. Realmente olhando para o que passou fico feliz e agradecido a muitas pessoas, aos familiares, que em todo tempo estão ao meu lado me apoiando, ajudando e torcendo por mim; aos colegas de cursos, que em muitos momentos sentimos juntos o peso das responsabilidades e nos apoiamos para dar conta de todas; aos mestres e mestras que nessa caminhada dividiram seus conhecimentos conosco para contribuir com nossa formação; a todas as demais pessoas que compõem a UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco, o CODAI – Colégio Dom Agostinho Ikas, e as escolas Municipais: Rosina Labanca e Professor Aderbal Galvão, por terem favorecido de várias ou alguma forma para minha permanência e conclusão do curso. Porém, meu eterno louvor e gratidão a Deus, pois a ele eu devo tudo que tenho e sou.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	07
2.1. Formação do docente	07
2.2. Docência.....	13
3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	15
3.1. Diagnóstico da escola campo de estágio – ECO I (CODAI – Colégio Dom Agostinho Ikas)	15
3.2. Laboratório de ensino em nível profissional superior (ECO - I)	18
3.2.1. Avaliação geral dos Laboratórios de ensino em nível profissional superior (ECO - I)	22
3.3. Laboratório de ensino em nível técnico profissional (ECO-II)	22
3.3.1. Avaliação geral dos Laboratório de ensino em nível técnico profissional (ECO II)	28
3.4 Observações de aulas.....	28
3.5. Regências de aulas.....	33
3.5.1. 1ª Regência	33
3.5.2. 2ª Regência	34
3.5.3. 3ª e 4ª Regências	34
3.5.4. 5ª e 6ª Regências	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
5. CRÍTICAS E SUGESTÕES	39
6. REFERÊNCIAS	40
7. ANEXOS.....	42
8. APÊNDICE	62
9. DADOS E ASSINATURAS	70

1. INTRODUÇÃO

O ECO – Estágio Curricular Obrigatório, do curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas da UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco, tem como objetivo desenvolver as competências técnicas, políticas e humanas que viabilizem ao futuro profissional da educação desenvolver a docência de forma crítica e comprometida com a realidade educacional e socioambiental.

O ECO, apresenta carga horária obrigatória de 405 horas, compostas por três disciplinas: Estágio Curricular I (90h), Estágio Curricular II (105h), Estágio Curricular III (210h). As atividades são desenvolvidas tendo como base, predominantemente, a educação formal, com ações de diagnóstico da realidade escolar, observação de aulas, planejamentos de aulas, laboratórios de ensino, pesquisa na escola, relatórios parciais e, após vários exercícios e reflexões sobre a prática pedagógica, culminando com as regências de aulas e relatório final.

O estágio foi realizado no Colégio Dom Agostinho Ikas (CODAI), como também na Escola Municipal Rosina Labanca, ambas na cidade de São Lourenço da Mata, e na Escola Municipal Professor Aderbal Galvão, na cidade de Recife. As regências de aulas, foram ministradas nas áreas de Piscicultura e Cacinocultura, no CODAI, e Educação Ambiental, nas demais escolas.

As atividades foram desenvolvidas em comum acordo com as entidades colaboradoras, neste caso, o Colégio Dom Agostinho Ikas, a Escola Municipal Rosina Labanca, a Escola Municipal Professor Aderbal Galvão, a Universidade Federal Rural de Pernambuco e o estagiário Jasiel José de Lima.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Formação do docente

Muito se tem escrito, debatido e dialogado sobre a educação e a formação dos educadores. Segundo Bueno (1980, p. 386), educação se define como: “instrução; civilização; formação das faculdades intelectuais; polidez; cortesia”. E segundo Ferreira (2001, p. 251), se define como: “Ato ou efeito de educar; processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano; civilidade; polidez”.

Nestas definições os autores conceituam educação apenas em relação ao trato entre os seres humanos, no aspecto relacional de educadores e educandos. No entanto, estes conceitos não esgotam o significado de educação, pois a mesma é um processo complexo que vai além de decifrar os códigos e signos grafados, ser treinado a ter um bom relacionamento cívico e social. As definições acima são muito pouco para exaurir a ideia que a palavra educação traz em seu âmago, principalmente em nossos dias onde estão presentes tantos conceitos como, educação ecológica, ambiental, inclusiva, étnico-racial, entre tantos.

Segundo Freire (1996, p. 12), “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, se quem aprende ensina ao aprender, então é correto inferir que o aluno também ensina e sendo assim atua em uma das especificidades do educador. Ainda segundo Freire (1983, p. 16) “Para isto, é necessário que, na situação educativa, educador e educando assumam o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível que buscam conhecer”. Então todos que buscam conhecimento sejam para enriquecimento próprio ou para reparti-lo, como profissão ou não, tem no próprio conhecimento o ponto de união entre as partes.

Vemos assim que não são apenas os educadores, aqueles à frente das salas de aulas, que são os únicos e irreprensíveis atores responsáveis da educação. Percebemos que o ser humano não é passivo nesse processo, e sim ativo. “O homem é um produto do meio e o meio é um produto do homem. A ação humana produz a cultura e a cultura produz o homem” (LIMA, 1973, p. 35). Estamos interligados produzindo conhecimentos e nos educandos por meio deles o tempo todo, percebemos então que nos

relacionamentos, primeiros com os pais e familiares, amigos, vizinhos, etc., e até com aquele estranho que temos contato casual, dá oportunidade de aprender algo, assim, esse pode ser um momento em que nos educamos, e possivelmente ajudamos na educação de outro. Se a aquisição de conhecimento pode ser considerada um ato de educação, então para além das interações humanas, notamos outras formas.

Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som; no entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo. (BIBLIA, Salmos, cap. 19, ver. 2-4. p.386).

Assim educação vai muito além das convenções de uma sala de aula, nas relações entre professor e alunos. Consideramos que a educação é uma construção de toda a vida, e temos comprovado isso em nosso cotidiano, quando desde bebê, o indivíduo aprende a falar na interação com os pais e até quando de idade avançada experimentando novas experiências e com isso aprendemos.

Estudos demonstram as compreensões e paradigmas da educação. Bordignon & Gracindo (2001, p. 152,153), nos apresentam uma comparação entre dois conceitos de educação, paradigma positivista ou paradigma vigente, em que as relações de poder são verticalizadas, piramidais, com postura de dominante e dominado nas relações de gestão e também professor-aluno, e outra que chama de novo paradigma emergente, onde as relações são horizontais onde as relações são baseadas nas intersubjetividades dos atores sociais. Esses conceitos são apresentados no quadro abaixo:

ASPECTOS DA GESTÃO	ENFOQUES E ATITUDES	
	PARADIGMA VIGENTE (Tradicional)	PARADIGMA EMERGENTE (Novo)
Relações de poder	Verticais	Horizontais
Estruturas	Lineares /Segmentadas	Circulares /integradas
Espaços	Individualizados	Coletivos
Decisões	Centralizadas /imposição	Descentralização/diálogo/negociação
Formas de ação	Autocracia/paternalismo	Democracia/autonomia
Centro	Autocentrismo/individualismo	Heterocentrismo/grupo-coletivo
Relacionamento	Competição/apego/independência	Cooperação/cessão/interdependência
Meta	Eliminação de conflitos	Mediação dos conflitos
Tipo de enfoque	Objetividade	Intersubjetividade
Visão	Das partes	Do todo
Objetivo	Vencer de – Convencer	Vencer com – Co-vencer
Consequência	Vencedores – perdedores	Vencedores
Objeto do trabalho	Informação	Conhecimento
Base	A-ética	Ética
Ênfase	No papel, no TER	Ênfase no SER

(BORDIGNON & GRACINDO, 2001, p. 152,153)

Olhando esse quadro observamos posicionamentos antagônicos em todos os aspectos levantados, isso nos traz uma reflexão, tanto no que se aplica a formação do docente como a atuação dele com educador. A qual o paradigma ele foi submetido em sua formação? Tradicional ou novo? E qual deles ele vai se referenciar na sua docência? São perguntas que só cada um educador pode responder, e na verdade, os que estão atuando nesta área, têm respondido a cada dia ao entrar em contato com seus discentes.

Falando sobre gestão, Bordignon & Gracindo (2001, p.169) nos diz que,

Um processo de gestão que seja democrático e que objetive a construção da cidadania brasileira, não é um processo mecânico e sem compromissos. Ele só existirá na medida em que forem desenvolvidas a autonomia e a participação de todos, num clima e numa estrutura organizacionais compatíveis com essa prática, visando à emancipação.

Esse pensamento de igual forma norteia os educadores para que na medida de suas forças ajudem na formação de cidadãos emancipados. Assim, pensadores modernos têm exposto falas a respeito da prática de educar; na doação de se, na busca de ajudar na transformação do outro, se transformando a cada passo, no objetivo de atingir práxis de construção coletiva, emancipadora e cidadã.

É nesse sentido que argumentamos que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas. (FREIRE, 1996). Assim seria pertinente que os educadores pudessem de igual forma ser obstinados no interesse de educar, percebendo esse ato, para além dos conteúdos programados, sendo sensíveis, no que se refere a educação, como formadora de pessoas para vida, não apenas formadora de profissionais para o mercado, como também sendo humildes suficientes para reconhecer que precisam ser eternos aprendizes, onde a cada interação, a cada aula se dê ao direito e oportunidade de aprender. “Gostaria, por outro lado, de sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente. Sublinhar esta responsabilidade igualmente àquelas e àqueles que se acham em formação para exercê-la.” (Freire, 1996, pág. 15).

A partir dessa breve reflexão iniciamos um diálogo sobre a formação docente e apresentamos a definição de Bueno (1980, p. 386), que define docente como “instrutor, professor, mestre, pedagogo”. Dessa forma ele caracteriza a nomenclatura utilizada para identificar à pessoa a frente de salas de aulas nas instituições formais de ensino. Já o verbo formar tenta expressar: constituir, compor, ordenar, fundar, criar, instruir-se, colocar-se ao lado de, desenvolver-se, dar-se um ser = ação cujo agente só pode ser o próprio sujeito, e formação é definida como formar, com forma, processo ou um conjunto procedimentos, de ações que dão forma.

Nesse sentido podemos considerar a formação docente como a formação profissional, a qual está relacionada à aquisição de conhecimentos fundamentais,

capacidades práticas, atitudes e formas de comportamento que constituem base indispensável para o exercício de uma profissão ou grupo de profissões, com vista a uma especialização posterior ou à ocupação imediata de um posto de trabalho para a concretização da práxis profissional.

Podemos ainda afirmar que a formação docente é a formação continuada de professores que consiste num processo contínuo e constante de aperfeiçoamento dos saberes imprescindíveis à atividade educadora, concretizado ao longo da vida profissional, com o objetivo de garantir uma atuação docente eficaz que promova aprendizagens significativas (NÓVOA, 1992).

As investigações sobre a formação docente nos últimos anos revelam que para superar a lógica das tradicionais concepções de ensino que envolvem a transmissão de conhecimento e assimilação comportamental e chegar a um novo paradigma que considere o educando como sujeito no processo de aprendizagem é imprescindível considerar o docente de igual forma como sujeito partícipe desse processo também.

Nesse sentido, é preciso superar o entendimento de uma formação apenas intelectual e técnica, considerando o professor como um ser sujeito de sua formação, produtor de conhecimento, aliado às mudanças sociais, institucionais, políticas, profissional, científica e tecnológica.

A formação do educador, percebemos que sobretudo, essa formação começa como a de todas as pessoas, após o nascimento nas interações. Assim mas especificamente a formação do docente, passa por todos os profissionais que passam por toda a sua formação acadêmica nos diversos cursos realizados e experiências educacionais vividas.

A formação docente não é novidade nas reformas educacionais, nas discussões oficiais nem nos debates acadêmicos em âmbito nacional e em muitos outros lugares do mundo. Ela se configura como tema de pesquisas que investigam as várias concepções que permeiam essa temática, bem como o papel do professor e seu processo formativo frente a transformações sociais e demandas diferenciadas do mundo atual. No que tange aos discursos oficiais, à implantação de políticas, normativas e reformas educacionais, a formação docente está diretamente associada às metas políticas, econômicas e sociais (NÓVOA, 1992).

Esta discussão nos remete aos fundamentos da formação docente que tem os seus momentos iniciais, que acontece nas esferas acadêmicas, nos cursos de licenciaturas e nos espaços de estudos continuados que acontecem em vários campos específicos do fazer docente. Os aspectos que devem permear essas ações precisam considerar os professores como profissionais, os estudantes como sujeitos em formação, as escolas como unidades de ensino e aprendizagem e o conteúdo de ensino como diretrizes educacionais a serem alcançadas.

Ainda de acordo com Ferry (1991, p 36), a formação de professores se distingue de outras atividades de formação, pois ela está imbuída no desenvolvimento individual destinado a adquirir ou aperfeiçoar capacidades, com uma combinação da formação acadêmica com a pedagógica. É a formação de formadores atrelados a sua prática profissional.

Nesse sentido é imprescindível vivenciar momentos de reflexão, discussão e avaliação da prática docente como um eixo norteador do desenvolvimento de uma atitude própria de ensinar, vislumbrando um profissional da educação inovador, reflexivo, comprometido como desenvolvimento coletivo da educação e do estudante. (MEDINA e DOMINGUEZ, 1989).

Podemos considerar essa formação como ampliação de conhecimentos, investigação contínua, conscientização da competência profissional, mudanças na identidade profissional. É uma mudança no paradigma da capacidade profissional como transformação do sujeito enquanto educador. Em concordância com esse pensamento Carvalho (2008) nos diz que:

[...] a aprendizagem indica simplesmente que alguém veio saber algo que não sabia: uma informação, um conceito, uma capacidade. Mas não implica que esse 'algo novo' que se aprendeu nos transformou em um novo 'alguém'. E essa é uma característica forte do conceito de formação: uma aprendizagem só é formativa na medida em que opera transformações na constituição daquele que aprende. É como se o conceito de formação indicasse a forma pela qual nossas aprendizagens e experiências nos constituem como um ser singular no mundo. (CARVALHO, 2008: p.1)

Portanto, o fazer educativo, a formação continuada, bem como à docência nos apresenta uma responsabilidade essencial na constituição dos sujeitos, apresentando um processo de reflexão-ação-reflexão para que todos que fazem parte do contexto educacional possam pensar sobre a prática pedagógica e as relações interpessoais que

ocorrem diariamente no fazer escolar que estão inseridos, considerando os aspectos pedagógicos, políticos, psicológicos, culturais, sociais e cidadão.

A seguir faremos uma reflexão sobre a docência considerando a multiplicidade docente e os desafios constantes para manter-se atualizado e vivenciar práticas pedagógicas diferenciadas necessárias à profissão, tal como preceitua Nóvoa (1992, p 23), que diz que “o aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente.”

2.2. Docência

A ação de ensinar, o exercício do magistério, a interação entre professores e estudantes, é comumente chamada de docência. Entretanto, quando nos debruçamos sobre os estudos da área educacional, reconhecemos que ser docente supera esses conceitos do senso comum para o entendimento da docência como algo maior que ensinar conhecimentos específicos. A docência nesse contexto se configura numa ampla concepção das relações ente os contextos éticos, escolares, críticos, criativos, sociais, políticos, culturais, técnicos e estratégicos da profissão docente.

Não são os saberes e os conhecimentos particulares dos docentes que os tornam um profissional de referência. É imprescindível que os docentes vivenciem e considerem as diversas abordagens que envolvem o fazer docente e o exercício da docência.

De acordo com Lelis (2010), a docência não acontece de forma linear, pois a mesma é construída num processo que aglomera aspectos sociais e culturais nos diversos espaços de ensino e aprendizagem que o sujeito convive. Portanto, a trajetória construída e socializada na vida de cada docente se constitui em um pilar para a construção de sua docência, da sua profissionalização e de sua prática pedagógica.

Como a docência está diretamente relacionada ao processo de formação e à formação continuada docente essa temática tem suscitado vários debates no mundo acadêmico devido a sua relevância social e pedagógica.

Nesse contexto, é mister um movimento educacional coletivo no intuito de pensar, repensar, planejar e agir da docência considerando o professor como um sujeito profissional em formação constante, superando a lógica tradicional que vê o mesmo como uma fonte de informação, ou alguém que simplesmente transmite certo o conhecimento que possui.

Portanto, os docentes, nesse sentido, são considerados como sujeitos que produzem um saber específico sobre o seu trabalho, a partir do conjunto de conhecimentos oriundos de diferentes espaços de formação e da reflexão sobre sua própria prática.

Assim, a docência deve ser percebida como um processo complexo, dinâmico, diverso e universal que segundo Freire (1991), “Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática”. (FREIRE, p. 58).

De tal modo essa compreensão inovadora da docência se configura numa alternativa ou possibilidade para a melhoria educacional, da qualificação do ensino através da formação continuada, da valorização docente, da profissionalização, da reestruturação dos currículos e dos sistemas de ensino. Essas mudanças precisam considerar os aspectos formativos, pessoais e coletivos. Permitindo ao docente a tomada de consciência, de forma que o mesmo possa reconhecer que sua formação não termina com a conclusão de um curso de licenciatura, percebendo que a reflexão sobre uma formação continuada reflexiva e uma docência crítica pode auxiliá-los no entendimento de suas reais necessidades e dos diferentes aspectos do seu cotidiano pedagógico.

3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

3.1. Diagnóstico da escola campo de estágio – ECO I (CODAI – Colégio Dom Agostinho Ikas)

Neste capítulo, pretende-se expor brevemente o resultado de consultas a documentos e site da instituição, como também, a vivência nas visitas e entrevistas com alunos, professores, técnicos e gestão.

Fundado em 1936 no município de Vitória de Santo Antão – PE, vinculado à Secretaria de Estadual de Agricultura. Em 1958 vinculou-se a UFRPE, e em 1968 recebeu a atual denominação de CODAI - Colégio Dom Agostinho Ikas, em honra ao monge beneditino, alemão fundador em Pernambuco da Escola Superior de Agricultura. Com a inundação pelas águas da Barragem de Tapacurá, mudou-se do Engenho São Bento, para o centro de São Lourenço da Mata, onde funciona até hoje. No ano de 2000 recebeu a doação de 34,7 ha do Grupo Votorantim, no distrito de Tiúma (UFRPE, 2017).

O colégio hoje (2017), conta com três turmas de ensino integrado (médio com técnico), oito turmas de ensino médio e 18 de ensino técnico. Com um total aproximado de 830 estudantes sendo atendidos, e para tal a instituição conta com um corpo docente de 45 professores, que ostentam formação de mestres e doutores. E tem um corpo administrativo com 13 pessoas, que possuem desde o ensino médio a superior e especialização.

Atendendo seus discentes em dois turnos diários, sendo o primeiro, manhã das 8h às 12h, e tarde das 13h às 15h, para o técnico; e das 13h às 17h e 30m, para o ensino normal.

Grande parte dos estudantes são do município (São Lourenço da Mata), e proximidades, mais também da área metropolitana do Recife e algumas cidades da zona da mata. Em sua grande maioria estudantes de baixa renda, como também público de faixa etária bem diversa, que variam de 15 a 40 anos de idades.

Com relação à infraestrutura, o colégio possui três pavimentos, acesso através de escadas e rampas. Tendo doze salas de aulas que são bem arejadas e iluminadas, todas equipadas com ventiladores, quadro negro, carteiras suficientes para os estudantes e mesas para os professores, mesmo que em algumas, as instalações e mobiliário não estejam em bom estado.

Possui ainda, uma quadra de esportes coberta para atender os estudantes, só que o banheiro da quadra precisa de reparos.

O laboratório de Informática é climatizado e equipado com 20 computadores com acesso à internet para uso dos estudantes. O laboratório de Ciências é bem equipado com recursos que facilitam as aulas de Química, Física, dentre outras disciplinas, no entanto faltam profissionais qualificados para utilizar todos os recursos disponíveis.

O auditório é amplo, é o local onde são realizadas palestras e outras apresentações realizadas na escola.

Cada dois ou três professores dividem uma sala, bem iluminada e climatizada. As salas possuem mesas e cadeiras, estantes, armários e computador com acesso à internet para uso dos professores.

A coordenação tem sala própria, como também a direção. O estado de conservação é o melhor possível. A secretaria da escola fica bem próxima à sala da direção, é bem organizada e possui copiadora, multifuncional e computadores. Os dados acima, que tem relação com o patrimônio imóvel do estabelecimento estão ilustrados por fotos próprias, incluída como apêndice A e B.

Com relação aos documentos norteadores da entidade, segundo UFRPE (2004, p. 5), o projeto político pedagógico, da entidade foi elaborado pela comunidade escolar, professores, técnicos administrativos e representantes de salas; orientado pelos professores Jorge Tavares e Maria Elizabete Pereira dos Santos; que se deu através de análise da situação do colégio, reflexão da realidade social, papel no contexto social e diagnóstico sobre a realidade que cerca o colégio. A construção do mesmo foi iniciada no ano de 1999, durante o 3º encontro de pedagogia na Fundação Joaquim Nabuco e continuada durante o 4º encontro de pedagogia no Park Hotel, no ano seguinte (2000), onde se refletiu sobre as dificuldades de conclusão do PPP. Tendo a contribuição de professores, foi agendada uma reunião que foi realizada em 03/2000 na Biblioteca UFRPE, o documento foi submetido à discussão e aprovação em 12/2000. Gerando o Projeto Político Pedagógico – 2001 e com atualização e revisão aprovada em 14/11/2004.

Com relação aos objetivos do referido documento temos que:

Envolver consciente e integralmente a comunidade escolar através dos diversos Fóruns de Deliberação Coletiva, com seus respectivos representantes; estabelecer mecanismos de ação que possibilitem a criação de estreito vínculo

com as comunidades, buscando formas alternativas e de ação conjunta com instituições públicas e privadas; definir as ações necessárias à escola de cumprir seus propósitos pedagógicos e sua intencionalidade em atendimento ao proposto pela legislação; dinamizar formas de avaliação permanentes por parte dos componentes da escola. (UFRPE, 2004, p. 13).

Através das entrevistas e observações, percebe-se uma relação entre os atores envolvidos no cotidiano da instituição, relativamente harmoniosa, onde tanto os docentes como gestão e corpo técnico administrativo, demonstram ser acessíveis ao diálogo. Já com a comunidade a relação parece um pouco mais distante, com participação de alguns poucos pais, e participação nos eventos promovidos pela instituição.

Com relação a avaliações e monitoramento das ações, foi relatado que existem reuniões, onde se tratam de assunto referente aos discentes, como é comum em todas as instituições de ensino, e também reuniões de cunho administrativo.

Já a gestão, é escolhida em votação democrática, e aparenta atuar de forma convencional como as instituições similares, mesmo que em algumas situações, os processos de decisões tenham um cunho participativo. No entanto a instituição conta com um diretório estudantil, que é, segundo entrevistas, pouco atuante.

O CODAI é financiado com recursos públicos, do governo federal, e conta com parceria do PRONATEC, que atua em cursos noturnos de: Agente comunitário de saúde e agente de saúde bucal.

No tocante às ações didáticas, o calendário determina 200 dias letivos, nos dois turnos (manhã e tarde), oferecendo cursos na modalidade de educação básica, ensino médio; ensino técnico e o integrado que é composto de educação profissional de nível médio. Esses cursos seguem uma resolução do conselho universitário, onde cada um tem algumas especificidades relevantes aos mesmos, no que diz respeito à carga horária, períodos (semestral ou anual), aulas teóricas e práticas, e forma de avaliação, que é diferenciado para cada modalidade de ensino, por nota mínima de 07 no normal e conceito para o técnico (UFRPE, 2004, p. 7-9).

Acerca das aulas práticas e relacionamento entre discentes e docentes, as mesmas entrevistas informam que 30 a 40% são aulas práticas, e as opiniões foram unânimes entre professores e alunos, no que se refere ao convívio, pautado no respeito, diálogo aberto, acessibilidade mútua, convívio excelente.

Os dados obtidos acima revelam uma realidade bem comum na educação brasileira, nas entrevistas com professores e alunos, observamos que embora o relacionamento entre as partes seja bom, o excesso de disciplinas, a falta de professores, o curto espaço de tempo, as condições socioeconômicas dos estudantes, a falta de políticas de assistência tem levado a grande evasão, como diz LOES (2013/2016).

Metade dos jovens entre 15 e 17 anos não está matriculada no ensino médio. Pesquisa inédita mostra que a proporção dos que abandonaram a escola nessa etapa saltou de 7,2% para 16,2% em 12 anos. Currículos inchados, disciplinas de mais para tempo de menos, jovens entre 15 e 17 anos não tem perspectivas de futuro.

Percebemos que o CODAI, tem um público bastante diverso, um corpo docente bem preparado, uma estrutura, que embora não seja excepcional, dá às condições mínimas para uma boa convivência e prática educativa. Com tudo isso, ou apesar de tudo isso, esse colégio tem cumprido seu papel, conforme está expresso no seu projeto político pedagógico, quando diz: “As distorções sociais devem ter na escola uma ferrenha inimiga que não pode deixar que essas distorções se acentuem, mas sim tem, objetivamente, a função de auxiliar e corrigi-las esta é a escola cidadã” (UFRPE, 2004, p. 12). E mesmo sabendo, que muitos docentes desta instituição, apresentam, conforme observado nas entrevistas, um posicionamento construtivista, será que a mesma se presta fielmente os seus altos propósitos? Talvez uma pesquisa muito maior, buscando dados históricos, entrevista com ex-estudantes, e uma devassa que não cabe nesse, poderia trazer luz a este questionamento.

3.2. Laboratório de ensino em nível profissional superior (ECO-I)

Os laboratórios de ensino são um momento do componente curricular (ECO-I), onde os estudantes têm oportunidade de ministrar uma breve aula. Assim é dada a oportunidade de perceber na prática um dos momentos da docência, como também a oportunidade de observar a atuação dos colegas, que certamente, é algo muito interessante, pois os mesmos trazem assuntos diversos enriquecendo-nos com novos conhecimentos.

De igual forma, é um instante, onde é solicitado fazer uma avaliação do desempenho do discente, que neste caso se torna docente. Para tal é proposto os seguintes itens a considerar: resgate dos conhecimentos prévios; contextualização; domínio do conteúdo;

relação educador/educando; controle da turma; visual, postura e tom de voz; procedimentos (recursos/metodologia); coerência do conteúdo; avaliação e fechamento da aula.

A seguir, tenta-se a partir dessas considerações, pontuar brevemente o que foi percebido ao vivenciar os sete laboratórios, da turma ECO-I, de Licenciatura em Ciências Agrícolas, da UFRPE, 4º período, em 2017.1.

1º Laboratório - Xénia Moara Teixeira de Santana Lima

Data: 10 de julho de 2017

Tema: Manual de preenchimento para emissão de guia de trânsito animal de equinos.

Foi realizado resgate dos conhecimentos prévios de forma sucinta; procurou-se uma contextualização, no entanto de forma muito humilde; foi mostrado um domínio do conteúdo; a relação professora/aluno, bastante satisfatória; percebido bom controle de turma; adequada postura, visual e tom de voz; poucos recursos didáticos, no entanto suficientes, e metodologia simples e adequada ao assunto; conteúdo coerente, avaliação deficitária, por falta de tempo hábil.

Obs.: A cópia do plano de aula (desta), encontra-se nos anexos (anexo 01).

2º Laboratório - Caio Felipe Cavalcante de Andrade Gomes

Data: 10 de julho de 2017

Tema: Introdução à parasitologia.

Foi realizado resgate dos conhecimentos prévios de forma sucinta; contextualização não perceptível; foi mostrado um domínio do conteúdo, no entanto percebido o excesso de informação, tornando cansativa a exposição; a relação professor/aluno, bastante satisfatória; percebido bom controle de turma; adequada postura, visual e tom de voz, apesar da fala foi muito rápida, talvez pela grande quantidade de assunto para pouco tempo; poucos recursos didáticos, no entanto suficientes, e metodologia simples e adequada ao assunto; conteúdo coerente, avaliação deficitária, por falta de tempo hábil.

Obs.: A cópia do plano de aula (desta), encontra-se nos anexos (anexo 02).

3º Laboratório - Rubenice Maria de Freitas

Data: 17 de julho de 2017

Tema: Introdução ao diagnóstico rural participativo - DRP e as ferramentas participativas.

Não percebido resgate dos conhecimentos prévios; procurou-se uma contextualização de forma relevante; foi mostrado um domínio do conteúdo; a relação professora/aluno, bastante satisfatória; percebido bom controle de turma; adequada postura, visual e tom de voz; bastantes recursos didáticos e relevantes para a metodologia aplicada, como também adequada ao assunto; conteúdo coerente, avaliação feita de forma criativa, no entanto ultrapassou um pouco tempo da aula.

Obs.: A cópia do plano de aula (desta), encontra-se nos anexos (anexo 03).

4º Laboratório - Marcus Vinícius Vasconcelos Freitas Farias

Data: 24 de julho de 2017

Tema: Desenvolvimento local

Foi realizado resgate dos conhecimentos prévios de forma sucinta; procurou-se uma contextualização de forma veemente; foi mostrado um domínio do conteúdo; a relação professor/aluno bastante satisfatória; percebido bom controle de turma; adequada postura, visual e tom de voz, no entanto, mesmo com todo o esforço para participação da turma não logrou muito êxito; poucos recursos didáticos, no entanto suficientes, e metodologia simples e adequada ao assunto; conteúdo coerente, avaliação deficitária, por falta de tempo hábil.

Obs.: A cópia do plano de aula (desta), encontra-se nos anexos (anexo 04).

5º Laboratório - Jasiel José de Lima

Data: 24 de julho de 2017

Tema: Introdução à piscicultura.

Foi realizado resgate dos conhecimentos prévios de forma sucinta durante a aula; procurou-se uma contextualizar; foi mostrado um domínio do conteúdo; a relação professor/aluno bastante satisfatória; percebido bom controle de turma; adequada postura, visual e tom de voz; poucos recursos didáticos, no entanto suficientes, e metodologia

simples e adequada ao assunto; conteúdo coerente, avaliação deficitária, por falta de tempo hábil.

Obs.: A cópia do plano de aula (desta), encontra-se nos anexos (apêndice C).

6º Laboratório - Rosane Suellen de Oliveira

Data: 07 de agosto de 2017

Tema: Introdução à educação para as relações étnico-raciais.

Foi realizado resgate dos conhecimentos prévios de forma sucinta; procurou-se uma contextualizar de forma veemente; foi mostrado um domínio do conteúdo; a relação professor/aluno bastante satisfatória; percebido bom controle de turma; adequada postura, visual e tom de voz; poucos recursos didáticos, no entanto suficientes, e metodologia simples e adequada ao assunto; conteúdo coerente, avaliação continuada, executada com reflexão sobre o tema.

Obs.: A cópia do plano de aula (desta), encontra-se nos anexos (anexo 05).

7º Laboratório - Surana Maria da Silva Araújo

Data: 07 de agosto de 2017

Tema: Pragas urbanas.

Foi realizado resgate dos conhecimentos prévios de forma clara e abrangente; procurou-se uma contextualizar de forma notória; foi mostrado um domínio do conteúdo; a relação professor/aluno bastante satisfatória; percebido bom controle de turma; adequada postura, visual e tom de voz; diversos recursos didáticos, suficientes e metodologia simples e adequada ao assunto; conteúdo coerente, avaliação deficitária, por falta de tempo hábil.

Obs.: A cópia do plano de aula (desta), encontra-se nos anexos (anexo 06).

3.2.1. Avaliação geral dos Laboratórios de ensino em nível profissional superior (ECO-I)

Os laboratórios de ensino (ECO-I), foram momentos significativos do período, possibilitaram uma primeira percepção do ato docente, pois no dever, de avaliar como também ser avaliado, se fez, uma experiência deveras construtiva. Foi percebido uma falha comum em quase todos, no que se refere ao planejamento em relação ao tempo, pois a maioria não conseguiu concluir a aula como desejava, demonstrando a necessidade de ter mais cuidado com o planejamento nesse quesito. Nos demais pontos se percebeu uma boa participação de todos. Portanto, essa experiência, que os laboratórios oportunizarão, só podem ser consideradas positivas e construtivas para a formação docente.

3.3. Laboratório de ensino em nível técnico profissional (ECO-II)

O objetivo desta fase foi dar continuidade ao exercício do semestre anterior, voltando o nosso olhar para o nível técnico profissional, bem como, ampliando e aprofundando as reflexões sobre a prática pedagógica.

Assim exposto, a seguir tenta-se, a partir dessas considerações, pontuar brevemente o que foi percebido ao vivenciar os sete laboratórios, da turma ECO-II, de Licenciatura em Ciências Agrícolas, da UFRPE, 5º período em 2018.1.

1º Laboratório: Disciplina: Piscicultura.

Docente: Jasiel Lima.

Aula I: Introdução à Piscicultura.

Esta aula foi elaborada para o ensino médio/técnico, do curso de Técnico em Agropecuária; 4º Período; Disciplina: Piscicultura. Conforme é oferecido pela instituição de ensino CODAI – Colégio Dom Agostinho Ikas.

Seria a 1ª aula da disciplina, onde se pretendia fazer a introdução da mesma, perceber conceitos e importância da piscicultura, diferenciar piscicultura continental e costeira, visualizar dois tipos de sistema integrado de criação e observar as principais espécies cultivadas no Brasil.

O início da aula, foi muito rápido, a busca dos conhecimentos prévios foi sofrível, os recursos didáticos apresentados foram pouco explorados, o domínio do conteúdo foi razoável, a aparência e apresentação foi admissível, houve pouca contextualização, a avaliação final da aula, foi interessante mas a aplicação foi fraca. Por fim há muito que melhorar, talvez colocando como objetivo menos conteúdos e explorando mais os mesmos, buscando chamar mais a atenção da turma.

Obs.: A cópia do plano de aula (desta), encontra-se no apêndice (apêndice D).

2º Laboratório: Disciplina: Semiologia Animal.

Docente: Alexsandra Silva.

Aula: Métodos de Contenção Física dos Animais Domésticos.

Esta aula foi elaborada para o ensino médio/técnico, do curso de Técnico em Agropecuária; 3º período; Aula com o tema: Métodos de Contenção Física dos Animais Domésticos.

Seria uma aula para o curso técnico em agropecuária, com o objetivo de conhecer o conceito de contenção animal; propiciar conhecimento e reflexão sobre a importância de contenção para a segurança do animal e da pessoa que está próxima ao animal; identificar os principais métodos de contenção utilizados no dia a dia de acordo com os procedimentos a serem realizados e entender sobre os perigos de uma má contenção.

O tema foi interessante, bem exposto, apresentação clara, exemplos e práticas contextualizadas, atividades interessantes; mostrou-se bom domínio do conteúdo, boa aparência e apresentação, assunto contextualizado, a avaliação final da aula foi interessante.

Obs.: A cópia do plano de aula (desta), encontra-se nos anexos (anexo 07).

3º Laboratório: Disciplina: Pedagogia e técnicas manejo e conservação de solo.

Docente: Andréa Alice.

Aula: Biologia de Solo e sua relação com as práticas agrícolas.

Esta aula foi elaborada para o ensino médio/técnico, do curso Técnico de Nível Médio em Agropecuária com Ênfase em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Local; Módulo II: Desenvolvimento Tecnológico; Componente Curricular: Pedagogia e técnicas manejo e conservação de solo; Tema da aula: Biologia de Solo e sua relação com as práticas agrícolas; Conforme é oferecido pela instituição de ensino: Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA).

Seria uma aula com o objetivo geral de desenvolver a compreensão do solo como um “organismo vivo” e relacionar este conhecimento às práticas agrícolas. E para tal teria como objetivo específicos: compreender que o solo é um “organismo vivo”; aprofundar o entendimento acerca do conceito de “biologia do solo”; refletir acerca das funções vitais de um solo vivo; refletir sobre a relação entre as funções vitais de um ser vivo e a fertilidade dos solos; relacionar o conhecimento evidenciado com as práticas agrícolas.

Aula interessante que chamou a atenção com recursos e práticas (cartazes, experiência), trazendo uma reflexão sobre o tema; exposição clara e contextualizada, buscando sensibilizar para práticas ecologicamente correta de cuidado com o solo, entre esses cuidados de não uso das queimadas, para manutenção da vida do solo. No entanto, poderia ter-se explorado mais o início, o experimento, como também, ter respondido de forma sucinta e direta alguns questionamentos dos alunos, aos quais foi dada a responsabilidade de pesquisar. O tema foi interessante, bem exposto, apresentação clara, exemplos e práticas contextualizadas, atividades provocantes. Foi uma aula rica, com pouco a melhorar e digna de ser repetida.

Obs.: A cópia do plano de aula (desta), encontra-se nos anexos (anexo 08).

4º Laboratório: Disciplina: Horticultura.

Docente: Ricardo Torres da Silva.

Aula: Defensivos Naturais.

Esta aula foi elaborada para o ensino médio/técnico, do curso de Técnico em Agropecuária; Aula com o tema: Defensivos Naturais.

Seria uma aula como o objetivo de conhecer sobre o defensivo natural; observar a importância dos mesmos para a horticultura; perceber a influência no ambiente; saber o que é Nim (*Azadirachta indica*); perceber as vantagens e desvantagens do extrato do Nim e saber como preparar um inseticida natural.

Aula interessante, porém na introdução, foram expostos alguns recursos, material vegetal, de forma muito rápida, poderia ter-se explorado melhor; exposição relativamente clara e contextualizada, buscando sensibilizar para práticas ecológica correta no uso de defensivos naturais em detrimento dos agrotóxicos. O tema foi interessante, bem exposto, apresentação clara, exemplos e práticas contextualizadas, atividades interessantes, mostrou-se bom domínio do conteúdo, boa aparência e apresentação, a avaliação final da aula foi interessante. No entanto a aula foi muito curta, talvez, se mais dialogada, permitindo o manuseio pelos alunos, com os recursos trazidos, e uma maior troca, poderia, talvez, ter sido mais rica.

Obs.: A cópia do plano de aula (desta), encontra-se nos anexos (anexo 09).

5º Laboratório: Disciplina: Práticas Agrícolas e Produção de Mudanças.

Docente: Diógenes Virgínio do Nascimento.

Aula: Propagação Vegetal.

Esta aula foi elaborada para o ensino médio/técnico, do curso de Técnico em Agropecuária; 3º Período; Disciplina: Prática Agrícola e Produção de Mudanças; Conforme é oferecido pela instituição de ensino Instituto de Educação Ciências e Tecnologia de Pernambuco – Campus Vitória de Santo Antão (IFPE).

Seria uma aula, com o objetivo geral de estimular o conhecimento de diferentes práticas de propagação vegetal, e salientar sua importância para a produção de mudas. E para tal teria como objetivos específicos: conceituar os métodos de propagação, abordar

as diferentes formas de propagação vegetal, propiciar o entendimento entre os alunos sobre o assunto, estimular a compreensão as práticas agrícolas e produção de mudas a partir da propagação vegetal, apresentar materiais que podem ser utilizados na aplicação das boas práticas para a propagação vegetal e estimular a reflexão sobre a importância de manejo e adoção das boas práticas para propagação vegetal a agricultura familiar.

Aula interessante, que a princípio, na exposição dos recursos, material vegetal, poderia ter-se explorado melhor, com o convite ao manuseio dos estudantes; exposição relativamente clara e contextualizada, buscando se fazer perceber de forma clara o assunto (propagação vegetal). O tema foi interessante, bem exposto, apresentação clara, exemplos e práticas contextualizadas, atividades interessantes, mostrou-se bom domínio do conteúdo, boa aparência e apresentação, a avaliação final da aula foi interessante. No entanto a aula teve muito conteúdo, se tornando um tanto densa, talvez, se mais dialogada, permitindo o manuseio dos alunos, com os recursos trazidos, e uma maior troca e uma quantidade menor de objetivos, poderia, talvez, ter sido mais bem aproveitada.

Obs.: A cópia do plano de aula (desta), encontra-se nos anexos (anexo 10).

6º Laboratório: Disciplina: Horticultura.

Docente: Lindovaldo Leão

Aula: Compostagem.

Esta aula foi elaborada para o ensino médio/técnico, do curso de Técnico em Agropecuária; Aula com o tema: Compostagem.

Seria uma aula como o objetivo geral de conhecer sobre a compostagem, entendendo todo o processo da construção de compostos orgânicos; e com objetivos específicos de compreender o conceito da compostagem; entender o que é composto orgânico e compreender a organização das pilhas de compostagem.

Aula interessante, expositiva e com leitura compartilhada; exposição relativamente clara e contextualizada, buscando sensibilizar para práticas ecologicamente correta no uso de adubo natural (orgânico) em detrimento dos adubos químicos. O tema foi interessante, bem exposto, apresentação clara, exemplos e práticas contextualizadas, foi disponibilizado material (texto) aos estudantes, proposto atividades prática para uma

próxima aula, mostrou-se bom domínio do conteúdo, boa aparência e apresentação, a avaliação final da aula foi interessante.

Obs.: A cópia do plano de aula (desta), encontra-se nos anexos (anexo 11).

7º Laboratório: Disciplina: Meio Ambiente.

Docente: Adriana Miranda

Aula: Mata Ciliar.

Esta aula foi elaborada para o ensino médio/técnico, do curso de Técnico em Agropecuária; Aula com o tema: Mata Ciliar.

Seria uma aula como o objetivo geral de sensibilizar sobre o tema mata ciliar, mostrando a importância e os problemas encontrados nessas formações, bem como, discutir baseado na lei, ações no combate aos crimes ambientais contra esse bioma, e estimular ao final o entendimento e posicionamento de cada estudante sobre o tema proposto. Tendo como objetivos específicos: debater o conceito de mata ciliar, analisar qual a importância e quais os riscos advindos com a supressão das áreas de matas ciliares, conhecer o que está proposto, de acordo com o código florestal Brasileiro e refletir sobre o entendimento e posicionamento sobre o tema.

Aula interessante, onde se buscou associar o tema ao cotidiano, buscando memórias afetivas; com apresentação de cartazes; exposição relativamente clara e contextualizada, buscando sensibilizar para a importância e preservação das matas ciliares. O tema foi interessante, bem exposto, apresentação clara, exemplos e práticas contextualizadas, foi exposto cartazes ilustrativos, mostrou-se bom domínio do conteúdo, boa aparência e apresentação; a avaliação final participativa e dinâmica e apaixonada pelo tema da aula, que foi muito interessante.

Obs.: A cópia do plano de aula (desta), encontra-se nos anexos (anexo 12).

3.3.1. Avaliação geral dos Laboratório de ensino em nível técnico profissional (ECO-II)

Os laboratórios de ensino ECO-II, semelhantemente aos laboratórios de ensino ECO-I, foram momentos muito significativos. A partir das experiências anteriores nos laboratórios e observações de aulas, no campo de estágio, foram percebidos, pessoas e práticas, mais ponderadas em seus temas de aulas e forma de exposição.

Foram percebidas algumas falhas nos encaminhamentos, como citados nos parágrafos acima, porém, nada que anule a eficácia do exposto. Assim ressalto mais uma vez a importância desses momentos para a formação à docência, considerando-a indispensável, oportuna e construtiva.

3.4. Observações de aulas

As observações de aulas, se deram no Colégio Dom Agostinho Ikas – CODAI, que atua atendendo adolescentes, jovens e adultos, nas modalidades de ensino médio, técnico. Com sede na cidade de São Lourenço da Mata, avenida Doutor Francisco Correia, nº 643, e anexo na Rodovia PE 005, Km 25, 4000 – Tiúma, São Lourenço da Mata – PE.

Neste capítulo, pretende-se expor brevemente as impressões percebidas na observação das práticas docentes dos educadores, buscadas no resultado das vivências obtidas nas visitas e conversas com alunos, professores.

Foram acompanhadas aulas, como também momentos de diálogos com a professora **Suely Alves de Lima Agra**, que tem formação em medicina veterinária, mestrado e doutorado em reprodução animal, ministra aulas no componente curricular: bovinocultura, para as turmas do ensino técnico e integrado. De igual forma, foram acompanhados aulas e momentos de diálogos com o professor **Williams de Souza Rosa**, que tem formação em medicina veterinária, mestrado em educação agrícola, e ministra aulas no componente curricular: carcinocultura, para as turmas do ensino técnico e integrado. E ainda aulas do professor **Daniel Martins**, que tem formação em administração, mestrado e doutorado na mesma área, e ministra aulas no componente curricular: matemática financeira, para as turmas do ensino técnico em administração.

Com relação às aulas assistidas da professora Suely, foi percebido que a mesma, se apresenta de forma elegante, tem uma abordagem acessível, deixando os estudantes com livre acesso, para questionamentos e participação na aula, como também, no momento em que os estudantes são convidados para apresentar trabalhos, a professora participa ajudando-os, porém, deixa-os livres na apresentação. Em todas as aulas, a sala contava com uma turma de aproximadamente 28 estudantes, no curso integrado, com maioria de adolescentes, e 18 no curso técnico, com maioria de jovens.

Nas aulas assistidas, a professora introduziu o tema fazendo questionamentos acerca dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o conteúdo, e como recurso didático utilizou quadro branco, lápis piloto e data show. Discorreu sobre alguns conhecimentos pessoais, em suas experiências profissionais e de vida aos alunos, para ilustrar situações que os estudantes poderão enfrentar algum dia. Em vários momentos esclareceu as dúvidas dos estudantes, e questionava constantemente, como meio de provocar a interação, sobre a compreensão dos conteúdos expostos, no entanto nem todos estavam atentos, especialmente a turma mais jovem, do ensino integrado. Mesmo assim nenhuma das aulas foi encerrada antes do horário, pelo contrário, sempre passou um pouco da hora.

A professora se mostrou acessível na hora das avaliações explicando o que havia solicitado, como também, tirando dúvidas. Outra situação percebida, foi quando após corrigir uma prova com a turma, deu a oportunidade para quem quisesse refazer a mesma prova; tornando a prova não apenas um instrumento de avaliação, mas um recurso didático para a aprendizagem de conteúdo.

Ao ser indagada porque agiu assim, a mesma respondeu “o meu interesse, é que os alunos saibam, aprendam, se eu devolvo a prova e eles respondem certo, prova que eles entenderam e é isso que me interessa...”. Com as entrevistas foi percebido que a professora se esforça para levar os estudantes a perceber os contextos reais do campo, referindo-se tanto aos criadores familiares como aos empresários do agronegócio.

Percebeu-se ainda, que a mesma em alguns momentos fala muito rápido, no entanto na maioria dos momentos, fala de forma audível e clara. Usa também, uma estratégia de repetição coletiva para internalizar conceitos, como por exemplo: “nunca se consome leite?!:” “CRU...”, “os animais precisam de bem estar, pois reprodução é?!:” “LUXO...” e por fim, em outros momentos, observou-se que a professora usou de seus contatos pessoais, para conseguir vagas de estágios para seus alunos. Assim, ao perceber estas

ações pedagógicas, desta professora, me encantou, com o carinho demonstrado e o esforço para mediar o aprendizado.

Com relação às aulas assistidas do professor Williams, foi percebido que o mesmo, se apresenta de forma elegante, tem uma postura mais expositiva, no entanto da mesma forma que a professora Suely, se coloca acessível a questionamentos, e aborda o assunto de forma técnica. Compartilha muito de suas percepções pessoais, com relação aos problemas políticos do país, e da instituição, buscando contextualizar, mesmo que ao meu ver não o consiga sempre; no entanto, mostrou-se preocupado em marcar aulas práticas, com visitas a criadores, no caso, carcinocultores.

Nas aulas assistidas, o professor fez pouco uso do quadro branco, lápis piloto. No entanto pautou a aula quase toda de forma expositiva, com o uso de data show. Expôs o tema para a turma com poucos questionamentos acerca dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o conteúdo. Com voz audível e compreensível a todos. O mesmo tentou fazer os alunos pensarem na pertinência do conteúdo exposto, para a agricultura familiar, através de exemplos, no entanto, ao meu ver, faltou exemplos reais e clareza. Em alguns momentos tentava esclarecer as dúvidas pertinentes à aula.

A turma, onde assistir as aulas, foi do curso técnico, onde o alunado é composto por jovens e adultos, com aproximadamente 8 pessoas, que pouco interagiram com o professor, na maioria do tempo, só se ouvia a voz do mestre (achei um pouco cansativo), assim percebi uma falta de atenção da turma, com uma aparente pressa para que a aula terminasse.

Com relação às aulas assistidas do professor Daniel, foi percebido que o mesmo adota uma didática expositiva, até porque como o seu componente curricular é muito técnico e abstrato, o que talvez justifique a abordagem. Assim, o professor mostrou-se acessível a questionamentos, explicações e tentando contextualizar, mesmo que expositivamente, com o contexto do agronegócio e da agricultura familiar, já que o colégio tem esse perfil de preparação de profissionais para as áreas do campo.

Com relação às aulas assistidas do professor Daniel, foi percebido que o mesmo, se apresenta de forma elegante, tem uma abordagem acessível, deixando os estudantes com livre acesso, para questionamentos e participação na aula, fez uso frequente do quadro branco, lápis piloto. Levantava questões do texto, solicitando que os estudantes

respondessem, e após um tempo, respondia junto, no quadro. Deixou claro que não consideraria apenas a resposta e sim o desenvolvimento das questões.

A turma, onde assistir as aulas, foi do curso técnico, onde o alunado é composto por jovens e adultos, com aproximadamente 18 pessoas, que interagiram bastante com o professor, na maioria do tempo.

Portanto o docente em formação, que tem a oportunidade de perceber essas vivências, através do componente Estágio Curricular, neste caso o licenciando em Ciências Agrícolas, oportuniza o perceber, refletir e contribuir para as futuras práticas pedagógicas, vivenciando esses momentos, com um olhar diferenciado do estudante regular.

Observar as aulas, com suas interações entre os atores, professores e alunos, tem se mostrado indispensável, aos graduandos, pois proporciona um contato direto com a prática pedagógica do professor e as reações dos estudantes a essa prática, permitindo assim a percepção de diversas situações; ao mesmo tempo que oportuniza uma reflexão, sobre as estratégias que poderia ou não ser usadas, na intenção de provocar, problematizar e construir em conjunto, momentos coletivos agradáveis e produtivos. Em detrimento dos velhos métodos bancários de ensino, onde só o professor fala, e o aluno reproduz exatamente, sem reflexão e de forma automática.

Como, foi oportunizado, assistir à, aulas de três professores no campo de estágio (CODAI), foram percebidos, diferentes abordagens e interações. Algumas das quais significativamente iguais, e outras, bem diferentes, tais como: A exposição dos conteúdos, de forma clara; o tentar se fazer compreender; a disponibilidade de ser questionados, ao mesmo tempo que se responderam esses questionamentos, de forma mais claras possíveis; foram por exemplo pontos idênticos em todos os momentos. No entanto o trato a preocupação em transformar instrumentos de avaliação em instrumentos de aprendizado, a disposição de usar contatos pessoais, para conseguir estágios para as alunas, como por exemplo, foram vistas apenas no trato com uma professora Suely.

Freire afirma, a respeito do professor, “Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho” (FREIRE, 1996, p. 37). Talvez o perceber o professor(a) em suas práticas, tenham influenciado os estudantes que acompanhei. Ao conferir suas interações juntos aos mestres, pude perceber, que nem sempre demonstraram o interesse esperado pelo tema, que o professor estava expondo, então, continua Freire, “Daí, então, que uma de minhas

preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo” (FREIRE, 1996, p. 37).

Conjeturando, talvez, a falta dessa percepção mais clara, movida pela inexperiência de alguns estudantes, graças a pouca idade da maioria, ou ainda por parte até, dos professores, tenham criado uma lacuna, que em alguns momentos, se percebeu nas observações no estágio. Onde a falta de atenção de alguns, nas aulas da professora Suely, por exemplo, suponho que seja, o resultado, mais da inexperiência dos estudantes, como pontuei, do que do esforço da mestra em chamar-lhes a atenção. Já com o professor Williams, como os estudantes, já eram de mais idade, jovens e adultos, aparentemente se mostravam atentos, pois a sala estava em silêncio, só o professor falava, porém a impressão percebida, foi que, era mais falta de interesse, que atenção realmente. E com o professor Daniel, foi semelhante a professora Suely, havia alguns desatentos, porém muita interação, na resolução dos exercícios.

No entanto Brandão lembra: “Ora, sabemos que aprender é integrar novos dados, novos fatos, novas sensibilidades, novos saberes” (BRANDÃO, 2009, p. 105). E esses saberes, dados e fatos, precisam ser construído na interação entre educador e educando, que hora foram bem percebidas e em outros momentos nem tanto. Contudo, é perceptível, que mesmo em nosso contexto atual do processo de educação, como o mesmo autor insta: “Uma pessoa não “passa”, não “dá”, não “transmite” conhecimento para uma outra. Nem mesmo o melhor professor. Ou melhor, principalmente um bom professor” (BRANDÃO, 2009, p. 102). Então, concordando com essa afirmação, é fácil concluir que a responsabilidade no processo de ensino-aprendizado, precisa ser compartilhada entre seus atores, professores e alunos.

Freire, ainda diz que: “É fundamental uma reflexão crítica sobre a prática, é pensando criticamente a prática de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 18). E Brandão lembra: “Em nós, tudo o que muda e se transforma pode tomar caminhos diversos e mesmo inesperados” (BRANDÃO, 2009, p. 101). Assim, acompanhar as aulas no campo de estágio, como também as aulas e os laboratórios na universidade, tende a trazer essa reflexão, para uma prática pedagógica que procure mediar uma interação dos envolvidos com o ato do aprendizado. Visando um crescimento conjunto, que será o resultado tanto de uma reflexão crítica sobre a prática, para ser

melhorada a cada dia, como se igual forma levar a uma constante transformação, para galgar novos caminhos.

3.5. Regências de aulas

O objetivo desta fase foi exercitar e refletir “*in lócus*” a atividade docente, bem como contribuir para a formação docente, do estagiário, e dos discentes das escolas envolvidas. Em sequência serão indicadas as escolas, disciplinas, professor ou professores, turmas, datas e temas das regências ministradas, e também os documentos referentes: controles de frequências no estágio, fichas de avaliações de aulas de estágio e planos de aula.

3.5.1. 1ª Regência

Essa primeira regência aconteceu na Escola Municipal Professor Aderbal Galvão, localizada na rua Vasco da Gama, nº 399, Vasco da Gama, Recife – PE. Ministrada na turma de 6º ano do ensino fundamental, do componente curricular: Ciências, da professora, Maria Inez Santos Duarte, no dia 26 de novembro de 2018, teve como tema: Agricultura Urbana e Agroecologia.

A aula iniciou com a apresentação do estagiário pela professora Inez, que a partir de então passou a buscar, através de questionamentos, os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o assunto a ser abordado, e para tal foi criado uma lista de palavras escritas na lousa. Na sequência, buscou-se com a ajuda de data show, apresentar o tema de forma expositiva, tentando provocar um diálogo com os alunos. Por fim, foi provocado os discentes a mais uma vez descrever para ser anotado na lista iniciada no começo da aula, na lousa, e a partir da aula assistida, mais algumas palavras e pensamentos sobre o tema, como forma de avaliação, assim a aula foi encerrada com uma dinâmica (bingo), para fixação do conteúdo.

Foi percebido, no início da aula pouca interação, por parte dos estudantes, acredita-se por se tratar de um “professor” novo, no entanto ao final da aula percebeu-se uma maior sintonia de pensamentos e ações por parte de todos. Percebo que há muito que melhorar, porém creio estar no caminho certo. O controle de frequência no estágio e a ficha de

avaliação desta aula de estágio, encontra-se no anexo 13 e 14, e o plano de aula, no apêndice E.

3.5.2. 2ª Regência

Essa segunda regência aconteceu na Escola Municipal Rosina Labanca, localizada na rua Vinte e Nove, s/n, Parque Capibaribe, São Lourenço da Mata – PE. Ministrada na turma de EJA 3 – Ensino de Jovens e Adultos 3º Módulo, do componente curricular: Ciências, da professora, Vera Queiroz, no dia 26 de novembro de 2018, teve como tema: Agricultura Urbana e Agroecologia.

A aula iniciou com a apresentação do estagiário pela professora Vera, que a partir de então passou a buscar, através de questionamentos, os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o assunto a ser abordado, e para tal foi criado uma lista de palavras escritas na lousa. Na sequência, buscou-se com a ajuda de data show, apresentar o tema de forma expositiva, tentando provocar um diálogo com os alunos. Por fim, foi provocado os discentes a mais uma vez descrever para ser anotado na lista iniciada no começo da aula, na lousa, e a partir da aula assistida, mais algumas palavras e pensamentos sobre o tema, como forma de avaliação, assim a aula foi encerrada com uma dinâmica (bingo), para fixação do conteúdo.

Foi percebido, no início da aula pouca interação, por parte dos estudantes, acredita-se por se tratar de um “professor” novo, alguns pareceram assustados com a possibilidade de a professora Vera ser substituída, ideia que foi rapidamente descartada. No entanto ao final da aula percebeu-se uma maior sintonia de pensamentos e ações por parte de todos, inclusive com o convite por parte de todos para o retorno do estagiário. Percebo que há muito que melhorar, porém creio estar no caminho certo. O controle de frequência no estágio e a ficha de avaliação desta aula de estágio, encontra-se no anexo 15 e 18, e o plano de aula, no apêndice F.

3.5.3. 3ª e 4ª Regências

Essas terceira e quarta regências aconteceram no CODAI – Colégio Dom Agostinho Ikas, localizado na Rodovia PE 005, Km 25, 4000 – Tiúma, São Lourenço da Mata – PE.

Ministrada nas turmas de 4º ano do curso técnico em agropecuária, do componente curricular: Piscicultura, do professor, Dijaci Araújo Ferreira, no dia 28 de novembro de 2018, durante o período da manhã e tarde, teve como tema: População Monossexo e Reversão Sexual.

As aulas iniciaram com a apresentação do estagiário pelo professor Dijaci, que a partir de então passou a buscar, através de questionamentos, os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o assunto a ser abordado, e para tal foi criada uma lista de palavras escritas na lousa. Na sequência, buscou-se com a ajuda de data show, apresentar o tema de forma expositiva, tentando provocar um diálogo com os alunos. Por fim, foi provocado os discentes a mais uma vez descrever para ser anotado na lista iniciada no começo da aula, na lousa, e a partir da aula assistida, mais algumas palavras e pensamentos sobre o tema, como forma de avaliação, assim a aula foi encerrada com uma dinâmica (bingo), para fixação do conteúdo.

Foi percebido, no início das aulas boa interação, por parte dos estudantes, acredita-se por se tratar de um curso de nível técnico, onde todos os estudantes presentes eram jovens. No entanto ao final da aula percebeu-se uma interação ainda mais expressiva e sintonia de pensamentos e ações por parte de todos, inclusive com o convite por parte de alunos para o retorno do estagiário. Percebo que há muito que melhorar, porém creio estar no caminho certo. O controle de frequência no estágio e a ficha de avaliação desta aula de estágio, encontra-se no anexo 17 e 16, e o plano de aula, no apêndice G.

3.5.4. 5ª e 6ª Regências

Essas quinta e sexta regências aconteceram no CODAI – Colégio Dom Agostinho Ikas, localizado na Rodovia PE 005, Km 25, 4000 – Tiúma, São Lourenço da Mata – PE. Ministrada na turma de 4º ano do curso técnico em agropecuária, do componente curricular: Carcinicultura, da professora, Karine Kelly C. Oliveira Farias, no dia 11 de dezembro de 2018, durante o período da manhã e tarde, teve como tema: Qualidade de Água na Carcinicultura.

As aulas iniciaram com a apresentação do estagiário pela professora Karine, no entanto como se tratava das mesmas turmas do professor Dijaci, os participantes já estavam familiarizados. Assim, através de questionamentos buscou-se os conhecimentos

prévios dos estudantes sobre o assunto a ser abordado. Na sequência, buscou-se com a ajuda de data show, apresentar o tema de forma expositiva, tentando provocar um diálogo com os alunos. Por fim, foi encerrada a aula com uma dinâmica (quiz), para fixação do conteúdo.

Foi percebido, no início das aulas boa interação, por parte dos estudantes, acredita-se por se tratar de um curso de nível técnico, onde todos os estudantes presentes eram jovens, já estarem familiarizados com o estagiário. No entanto ao final da aula percebeu-se uma interação ainda mais expressiva e sintonia de pensamentos e ações por parte de todos, inclusive com o convite por parte de alunos para o retorno do estagiário. Percebo que há muito que melhorar, porém creio estar no caminho certo. O controle de frequência no estágio e a ficha de avaliação desta aula de estágio, encontra-se no anexo 19 e 20, e o plano de aula, no apêndice H.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já foi dito, o ECO tem como objetivo, desenvolver as competências técnicas, políticas e humanas que viabilizem ao futuro profissional da educação desenvolver a docência de forma crítica e comprometida com a realidade educacional e socioambiental. Eu discordo parcialmente desse objetivo, pois creio que o mesmo, não é apenas dos componentes ECO I, II e III, e sim de todas as cadeiras do curso, que paulatinamente vão, em conjunto com as diversas vivências proporcionadas pelas mesmas, contribuindo para a formação da praxe pedagógica do graduando. Lembrando que durante todo o curso é nítida percepção de que os espaços educativos não se limitam ao ambiente da educação formal, indo muito além, para os diversos espaços sociais.

Então, com essa reflexão, se intenta expressar a compreensão de que os processos educativos tendem a tornar os indivíduos envolvidos neles, cidadãos cada vez mais conscientes de seus papéis sociais, tendo em vistas a busca de uma sociedade mais igualitária para todos. Assim, se visualiza a importância dos cursos de licenciaturas, que formam profissionais da educação, mas que deve ir além da mera formação mecânica de reprodução apenas do que já está posto, para construção de uma nova realidade.

No entanto este relatório, trata das atividades que são desenvolvidas tendo como base, predominantemente, a educação formal, com ações de diagnóstico da realidade escolar, observação de aulas, planejamentos de aulas, laboratórios de ensino, pesquisa na escola, relatórios parciais e, após vários exercícios e reflexões sobre a prática pedagógica, culminaram com as regências de aulas e este referido relatório final. Todas estas atividades foram acordadas entre as pessoas e instituições já apontadas.

Assim buscou-se nas observações realizadas em visitas às instituições formais de ensino, perceber a realidade dessas escolas, onde foi visto, em linhas gerais, espaços físicos, que em sua maioria, estão aquém do necessário, para uma boa prática profissional e pedagógica, mas que ao menos oferecem as condições mínimas, para tal. Porém, em contrapartida, foi percebido que grande parte dos profissionais envolvidos, expressão em seu trato e labuta, um grande comprometimento com suas atividades, e aí ressaltar, que nas suas respectivas competências, buscam na maioria dos casos fazer o seu melhor.

E, agora me referindo mais especificamente aos professores, nas observações de aulas, é nítido o empenho e esforço de alguns e algumas em sua praxe, se tornando

verdadeira inspiração. Já, nos planejamentos, como nas práticas, tanto dos laboratórios com das aulas ministradas, foram desafiadores, sendo instigados por uma profunda reflexão e desejo de sempre dar o melhor de se, porém, nem sempre os resultados, foram os esperados, demonstrando que nesses processos constantemente teremos como melhorar. Um dos fatores muito enriquecedores, foram as pesquisas realizadas em conversações informais em todas as situações possíveis nas visitas realizadas, que deram uma percepção da visão dos olhares em posições diferentes.

Na construção deste relatório foi oportunizado sistematizar um pouco do vivenciado, no curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas, e mais claramente perceber a importância de toda, as experiências vividas, para a formação de uma consciência docente, que precisa perceber seu importante papel, seja ele social, político, mas sobretudo humano.

5. CRÍTICAS E SUGESTÕES

Devido às diversas atividades, muito particulares a cada instituição, na maioria dos casos os calendários não coincidiram e foi complicado o cumprimento dos prazos determinados para o estágio. Assim poder-se-ia, pensando nessa situação, abranger as parcerias entre instituições, no intuito de tentar minorar essa dificuldade.

Reconhecendo a abrangência da educação para além das instituições formais de ensino, assim como diz o parágrafo anterior, ver a possibilidade de inclusão de instituições não formais, no rol de parcerias, para o estágio supervisionado obrigatório.

6. REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Salmos**. Português. Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.1999. p. 386;

BORDIGNON, Genuíno e GRACINDO, Regina Vinhaes. **Gestão da Educação: impasses, Perspectivas e compromissos**. São Paulo. Cortez. 2001;

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Globalização, Educação e Movimentos Sociais 40 anos da Pedagogia do Oprimido**. Jason Mafra... [et al.] (org.). — São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire: Editora Esfera, 2009;

BUENO. Francisco da Silva. **Dicionário Escolar da Língua Brasileira**, 11ª edição/4ª tiragem, FENAME/MEC, Rio de Janeiro/1980;

CARVALHO, J. S. F. Sobre o conceito de formação. **Revista Educação**. Ed. 137. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=12511>> Acesso em: 21 set. 2018.

FERRY, G. **Le Trajet de la Formation**: les enseignants entre la théorie et la pratique. Paris: Dunod, 1983.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. Campinas – SP. Papirus. 1991;

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar, O Mini Dicionário da Língua Portuguesa**, 4ª edição. Nova Fronteira. Rio de Janeiro/2001;

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra. 1996;

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1983;

LELIS, I. **Convergências e tensões nas pesquisas sobre aprendizagem da docência**. In: DALBEN, A. L.; DINIZ, J.; LEAL, L.; SANTOS, L. (Org.). *Coleção Didática e Prática de Ensino*. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Treinamento em dinâmica de grupo**. Petrópolis: Vozes, 1973;

LOES, João. **O maior problema da educação do Brasil**. Revista ISTOÉ on-line. [on-line]. Edição nº 2289. Publicado em: 02/10/13. Atualizado em 21/01/16. Disponível em: <http://istoe.com.br/326686_O+MAIOR+PRBLEMA+DA+EDUCAÇÃO+DO+BRASIL/>. Acesso em: 06/07/2017;

MEDINA, A.; DOMÍNGUEZ, C. **La Formación del Profesorado en una Sociedad Tecnológica**. Madrid: Cincel, 1989.

NÓVOA, A. (Org.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco/CODAI – Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas. **Apresenta informações gerais sobre a instituição**. Disponível em: <<http://www.codai.ufrpe.br/o-codai>>. Acesso em: 05/07/2017;

UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco. CODAI – Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas. **Projeto Político Pedagógico**. São Lourenço da Mata. Pernambuco. 2004. UFRPE/CODAI. Disponível em: <<http://ww2.codai.ufrpe.br/ead>>. Acesso em: 06/07/2017.

7. ANEXOS

Anexo 01 – Plano de aula de Xénia Moara T. S. Lima

Plano de Aula

I. Plano de Aula:
II. Dados de Identificação: Universidade Federal Rural de Pernambuco Professora: Xénia Moara Teixeira de Santana Lima Data: 10/07/2017 Disciplina: Saúde pública e sanidade animal Turma: SV1 - 9º Período
III. Tema: Manual de preenchimento para emissão de guia de trânsito animal de Equídeos.
IV. Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> ● Entender o trânsito animal e sua importância epidemiológica; ● Associar ao conceito de saúde única; ● Reconhecer as instruções para a movimentação de equídeos; ● Debater e solucionar problemáticas acerca do assunto; ● Construir um exemplo de GTA.
V. Conteúdo: <ul style="list-style-type: none"> ● Conceito de trânsito de animais; ● Conceito de GTA; ● Conceito de Saúde única; ● Instrução para preenchimento da GTA para trânsito de equídeos; ● Preenchimento de GTA.
VI. Recursos didáticos e metodologia: <ul style="list-style-type: none"> ● Apresentação em Power point; ● Aula dialogada; ● Uso do quadro; ● Uso do piloto; ● Atividade de avaliação ao final da aula;
VII. Avaliação: <ul style="list-style-type: none"> ● Atividade de preenchimento da GTA com o propósito formativo. ● Participação em sala.
VIII. Bibliografia: Básica - MAPA, Manual de preenchimento para emissão de guia de trânsito animal de equídeos. Versão 19.0 Complementar - Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Anexo 02 – Plano de aula de Caio Felipe C. A. Gomes

PLANO DE AULA

Universidade Federal Rural de Pernambuco
 Professor: Caio Felipe Cavalcanti de Andrade Gomes
 Data: 24 de julho de 2017
 Disciplina: Parasitologia Veterinária
 Turma: SV-3 – 3º período
 Tema: Introdução a Parasitologia

Objetivos	Conteúdo	Metodologia	Material Didático	Avaliação
<p>Reconhecer os conceitos de Parasitologia e epidemiologia</p> <p>Identificar os principais tipos de Parasitos e Hospedeiros</p> <p>Entender a ação dos Parasitos</p> <p>Saber sobre as nomenclaturas dos parasitos</p>	<p>Conceitos da parasitologia e epidemiologia</p> <p>Tipos de Parasitos e Hospedeiros</p> <p>Ação do parasito no hospedeiro</p> <p>Nomenclatura das espécies parasitárias</p>	<p>Brainstorm: Reconhecimento dos conhecimentos prévios</p> <p>Aula Dialogada</p> <p>Apresentação em Power Point</p> <p>Provocação dos alunos</p> <p>Distribuição de Resumo do Conteúdo</p> <p>Atividade para a aula seguinte</p>	<p>Piloto</p> <p>Quadro</p> <p>Projektor</p> <p>Resumo do conteúdo</p>	<p>Avaliação continuada</p> <p>Participação em sala</p> <p>Questionar aos alunos seus aprendizados com a aula (Comparar com atividade inicial)</p> <p>Atividade para Aula Seguinte</p>

Referências:

Básica

Monteiro, Silvia Gonzalez. "Parasitologia na medicina veterinária." *São Paulo: Roca* (2011).

Complementar:

Foreyt, William J. *Parasitologia Veterinária-Manual de Referência*. Editora Roca, 2005.

Rey, Luís. *Parasitologia médica*. Guanabara Koogan, 2005.

Anexo 03 – Plano de aula de Rubenice Maria Freitas

PLANO DE AULA

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO CURSO:

Licenciatura em ciências agrícolas Turma: 4º

DISCIPLINA: Extensão rural Tempo: 40 min

Rubenice Maria de Freitas Aula 1:

Introdução ao Diagnóstico rural participativo-DRP e as ferramentas participativas

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	METODOLOGIA	AValiação
Apresentar o DRP como uma metodologia participativa dentro da extensão rural.	<p>Conceito de DRP e suas vantagens;</p> <p>Os diferentes níveis de participação;</p> <p>Princípios Básicos do Diagnóstico Rural Participativo;</p> <p>Os 7 Passos na Preparação de um DRP;</p> <p>No trabalho de campo apresentar à comunidade.</p>	<p>- Aula dialogada;</p> <p>- Apresentação em PowerPoint;</p> <p>- Elaboração de trabalho em duplas;</p> <p>- Apresentação dos trabalhos em grande grupo;</p>	<p>- Observação da participação em sala de aula;</p> <p>- Apresentação das duplas.</p>
Apresentar ferramentas participativas utilizadas no DRP	<p>Ferramentas participativas;</p> <p>Análise, documentação e apresentação do DRP.</p>		

REFERÊNCIAS

VERDEJO, M. E. DIAGNÓSTICO RURAL PARTICIPATIVO: guia prático; revisão e adequação de COTRIM, D.; RAMOS, L. Brasília: MDA / Secretaria da Agricultura Familiar, 2010.

Anexo 04 – Plano de aula de Marcus Vinícius V. F. Farias**PLANO DE AULA**

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Marcus Vinícius Veloso Freire Farias

Disciplina: Estágio curricular I – ensino agrícola

Tempo de aula: 40 min.

Data: 24/07/2017

Curso: Licenciatura em Ciências Agrícolas Turma: LA1

Atividade: Laboratório de ensino

Tema: Desenvolvimento local

Conteúdos	Situação didática	Objetivos	Avaliação
Origem do conceito de desenvolvimento	Divisão em grupos para conceitualizar desenvolvimento local.	Construir o conceito de desenvolvimento local.	Formativa: pelo nível de participação dos estudantes.
Conceito de desenvolvimento local	Uso do quadro. Exposição dialogada.	Perceber a complexidade que envolve o termo desenvolvimento.	Exercício para casa. Continuada.
<p>Referências: AMARO, Rogério Roque. Desenvolvimento Local. In: CATTANI, Antonio David; LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luiz Inácio; HESPANHA, Pedro. Dicionário internacional da outra economia. Coimbra: Edições Almedina, 2009. P. 108-113.</p> <p>FURTADO, Celso. O mito do desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.</p> <p>DE JESUS, Paulo. Desenvolvimento local. In: CATTANI, Antonio David (org.). A outra economia. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003. p. 72-75.</p>			

Anexo 05 – Plano de aula de Rosane Suellen de Oliveira

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Curso: Licenciatura em Ciências Agrícolas. Turma: 4º período.

Disciplina: Educação para as Relações Étnico-Raciais – EREER.

Aula 1: Introdução à Educação para as Relações Étnico-raciais

Tempo de aula: 40 min.

Rosane Suellen de Oliveira


Plano de Aula

Objetivos	Conteúdo	Metodologia	Avaliação
Introduzir o conceito das relações étnico raciais e sua importância na educação.	- Legislação que rege a EREER; - Histórico de Exclusão no Brasil; - Mudanças nas práticas pedagógicas.	- Aula dialogada; - Apresentação em PowerPoint; - Exposição de vídeo.	- Formativa e Continuada: observação da participação e interação em sala de aula.
Refletir sobre os conceitos de Raça e etnia, Mito da democracia racial e Racismo estrutural.	- Conceito de Mito da Democracia Racial e Racismo Estrutural; - Conceito de Raça e Etnia.		
Refletir sobre a nossa prática educadora neste contexto e as possibilidades de abordagem de EREER nas Ciências agrárias.	- Demandas da Educação; - Práticas de EREER nas Ciências.		

Referências:

- **A cor da Cultura. Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03.** Nilma Lino Gomes. 2001. Disponível em: <http://antigo.acordacultura.org.br/artigo-25-08-2011>. Acesso em 29 de jul. 2017.
- **BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: SECAD/ME, 2004.
- **BRASIL. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2010.
- **BRASIL. LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Acesso em 29 de jul. 2017
- **BRASIL. LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.** Disponível em: , http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em 29 de jul. 2017
- **Ensaio de Gênero: Por que ensinar relações étnico-raciais e história da África nas salas de aula?** Adriano Senkevics. 2014. Disponível em: <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2014/03/19/por-que-ensinar-relacoes-etnico-raciais-e-historia-da-africa-nas-salas-de-aula/>>. . Acesso em 29 de jul. 2017
- **Movimento negro e educação.** Gonçalves, Luiz Alberto Gonçalves. Silva, Petronilha Beatriz Gonçalves. Revista Brasileira de Educação. Nº15. Set/Out/Nov/Dez 2000.
- **UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DAS NOÇÕES DE RAÇA, RACISMO, IDENTIDADE E ETNIA.** Prof. Dr. Kabengele Munanga (USP). Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 2003.
- **VERRANGIA, Douglas. SILVA, Petronilha B.G. Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.3, p. 705-718, set./dez. 2010.

Anexo 06 – Plano de aula de Surana Mari da Silva Araújo

 <p>UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO</p> <p>DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO</p> <p>CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS AGRÍCOLAS</p>
---	--

PLANO DE AULA

Disciplina: Biologia
 Tema: Pragas Urbanas
 Professora: Susana Maria Silva de Araújo
 Turma: 9º ano do ensino fundamental
 Tempo de aula: 40 min
 Data: 07/08/2017

Objetivos	Conteúdo	Metodologia	Material Didático	Avaliação
<p>Compreender o conceito de Pragas Urbanas</p> <p>Identificar as principais Pragas Urbanas</p> <p>Conhecer sobre a biologia e o comportamento das Pragas Urbanas que mais se destacam na nossa sociedade (ratos e baratas).</p>	<p>Conceito de Pragas Urbanas</p> <p>Espécies de Pragas Urbanas mais comuns</p> <p>Biologia e comportamento das Pragas Urbanas que mais se destacam (ratos e baratas).</p>	<p>Reconhecer os conhecimentos prévios</p> <p>Aula dialogada</p> <p>Apresentação em Power Point</p> <p>Distribuição de imagens</p> <p>Distribuição de um breve resumo</p> <p>Apresentação de um vídeo</p>	<p>Projektor</p> <p>Vídeo</p> <p>Banners</p> <p>Imagens (recortes)</p>	<p>Avaliação continuada</p> <p>Participação em sala</p> <p>Abordagem dos alunos sobre o tema apresentado</p> <p>Atividade para próxima aula</p>

Referências Bibliográficas:

Básica: www.mpspragas.com.br
 CARVALHO NETO, C. Manual Prático de Biologia e Controle dos Roedores. 5ª. Ed. NOVARTIS, São Paulo. 57p.
 MARICONI, F.A.M. Os Ratos. Em MARICONI, F.A.M. (coord). Insetos e outros Invasores de Residências. Piracicaba: Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (FEALQ), 1ª. Ed. P. 285 – 302.
 ZORZENON, F.J., JUSTI JR., J. Manual Ilustrado de Pragas Urbanas. 1ª. Ed. Instituto Biológico, 2006. 151 p

Anexo 07 – Plano de aula de Alessandra Silva de Paula**Plano de aula**Professora: **Alessandra Silva de Paula**

Data: 26 de junho de 2018

Disciplina: Semiologia Animal

Turma: 3º período Técnico em Agropecuária

Tema: Métodos de contenção física dos animais Domésticos

Objetivos	Conteúdo	Metodologia	Material Didático	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o conceito de contenção animal - Propiciar conhecimento e reflexão sobre a importância de contenção para a segurança do animal e da pessoa que está próxima ao animal. - Identificar os principais métodos de contenção utilizados no dia a dia de acordo com os procedimentos a serem realizados. - Entender sobre os perigos de uma má contenção. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conceitos contenção animal; - Para que conter o animal, qual a importância; - Materiais utilizados para a contenção animal; - Métodos mais utilizados para contenção de acordo com a espécie animal; - Principais riscos de uma má contenção 	<ul style="list-style-type: none"> - Brainstorm: Reconhecimento dos conhecimentos prévios - Aula Dialogada - Apresentação em Power Point - Apresentação de material de contenção - Atividade para fixar a aula 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro - Piloto - Data Show - Notebook - Materiais utilizados na contenção - Papel ofício - Lápis para desenhar 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação continuada - Participação em sala - Questionar aos alunos seus aprendizados com a aula - Atividade para Aula
Referências: <ul style="list-style-type: none"> ● FEITOSA, F.L.F, Semiologia Veterinária: a arte do diagnóstico: cães, gatos, equinos, ruminantes e silvestres. São Paulo: Roca, 807 p. 2004. ● WALSHAW, S. O. Manual de Procedimentos Clínicos em Cães, Gatos e Coelhos. ARTMED, 2000, 279p. 				

Anexo 08 – Plano de aula de Andréa Alice da Cunha Faria

Andréa Alice da Cunha Faria

Plano de aula

IDENTIFICAÇÃO

Instituição: Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA)
Curso: Técnico de Nível Médio em Agropecuária com Ênfase em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Local.
Módulo II: Desenvolvimento Tecnológico
Componente Curricular: Pedagogia e técnicas manejo e conservação de solo
Tema da aula: Biologia de Solo e sua relação com as práticas agrícolas
Professora: Andréa Alice da Cunha Faria **Data:** 26.06.2018

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Desenvolver a compreensão do solo como um “organismo vivo” e relacionar este conhecimento às práticas agrícolas.

Objetivo Específicos:

- Compreender que o solo é um “organismo vivo”.
- Aprofundar o entendimento acerca do conceito de “Biologia do Solo”.
- Refletir acerca das funções vitais de um solo Vivo.
- Refletir sobre a relação entre as funções vitais de um Ser Vivo e a fertilidade dos solos.
- Relacionar o conhecimento evidenciado com as práticas agrícolas.

METODOLOGIA

- Prática de Estimular Dedução (PED) demonstrativa da existência de Vida no Solo.
- Exposição dialogada.
- Utilização de desenhos ilustrativos dos Seres Vivos e sua relação com o ambiente.
- Solicitação de exercício individual para entregar na próxima aula, como recurso de reflexão da aprendizagem.

RECURSOS UTILIZADOS

- Amostra de Solo
- Água Oxigenada
- Desenhos previamente preparados
- Quadro branco
- Caneta para quadro branco

AValiação

- Será realizada ao final da unidade, com exercícios individuais e auto-avaliação.

Anexo 09 – Plano de aula de Ricardo Torres da Silva

Plano de aula

Universidade Federal rural de Pernambuco

Professor: **Ricardo Torres da Silva**

Data: 24 de julho de 2018

Disciplina Horticultura

Turma: Técnico em Agropecuária

Tema: Defensivos Naturais

Objetivos	Conteúdo	Metodologia	Material Didático	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer sobre o defensivo natural; - Observar a importância para a horticultura; - Perceber a influência no ambiente; - Saber o que é Nim (<i>Azadirachta indica</i>); - Perceber as vantagens e desvantagens do extrato de Nim; - Saber como preparar um inseticida natural. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação sobre o que é defensivo natural; - A importância no Agro ecossistema; - Tipos de defensivos naturais; - Vantagens e desvantagens do Nim; - A influência no ambiente. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecimento dos conhecimentos prévios; - Aula dialogada; - Atividade prática para próxima aula. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro; - Piloto; - Livro; - Material vegetal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Participação em aula; - Questionamento dos alunos - Atividade para próxima aula: Pesquisa outros defensivos naturais utilizados na agricultura: Uso, preparo e benefícios.
<p>Referências EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. A cultura do Nim. Embrapa informações tecnológicas, Brasília- DF, 2008. PRIMAVESI, A. Manejo ecológico de pragas e doenças: técnicas alternativas para a produção agropecuária e defesa do meio ambiente. Revista Expressão Popular, 2 ed, São Paulo, 2016.</p>				

Anexo 10 – Plano de aula de Diógenes Virgínio do Nascimento

Plano de Aula

IDENTIFICAÇÃO

Data: 10.07.2018

Instituição: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Vitória de Santo Antão (IFPE);

Curso: Nível Médio Integrado ao técnico em Agropecuária

Disciplina: Práticas Agrícolas e Produção de mudas

Tema da aula: Propagação Vegetal.

Período: 3º ano

Professor: Diógenes Virgínio do Nascimento.

Duração: 30 minutos

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Estimular o conhecimento de diferentes práticas de propagação vegetativa e salientar sua importância para produção de mudas.

Objetivos Específicos:

- Conceituar os métodos de propagação.
- Abordar as diferentes formas de propagação vegetativa.
- Propiciar o entendimento entre os alunos sobre o assunto.
- Estimular a compreensão das Práticas Agrícolas e Produção de mudas a partir da propagação vegetal.
- Apresentar materiais que podem ser utilizados na aplicação das boas práticas para propagação vegetal.
- Estimular a reflexão sobre a importância de manejo e adoção das boas práticas para propagação vegetal à agricultura familiar.

METODOLOGIA

- Apresentação de diferentes modelos de Propagação Vegetativa.
- Aula expositiva-dialogada.
- Utilização de materiais nas práticas para propagação vegetal.
- Utilização de desenhos ilustrando as boas práticas estudadas.
- Apresentação de slides.
- Exposição em quadro branco.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro branco
- Caneta para quadro branco
- Data show
- Desenhos previamente preparados

AVALIAÇÃO

Será continuada avaliando a interação dos alunos e a participação No questionário de identificação de práticas de propagação vegetal.

REFERÊNCIAS:

- FACHINELLO, J. CARLOS; Propagação de plantas frutíferas de clima temperado, ed. universitária, Pelotas, 1995.
- PAIVA, H. N., GOMES, J. M. Propagação vegetativa de espécies florestais. Viçosa, MG: UFV, 1995. 40 p. (Boletim, 322).

Anexo 11 – Plano de aula de Lindovaldo Leão

PLANO DE AULA

Disciplina: Horticultura
Tempo da aula: 40 minutos
Curso: Técnico em agropecuária
Turma: 3º período
Aula: Compostagem
Data: 31/07/2018
Professor: **Lindovaldo Leão**

Objetivos

Objetivo geral: Entender todo processo da construção do composto orgânico. **Objetivo específico:** Compreender o conceito de compostagem; entender o que é composto orgânico e compreender a organização das pilhas de compostagem.

Conteúdo

Compostagem; matéria orgânica; composto orgânico; condições básicas: uma fonte de energia ou carbono, uma fonte de proteína ou nitrogênio, umidade e oxigênio; Relação carbono/nitrogênio; importância da temperatura; Montagem pilha ou leira.

Metodologia

No primeiro momento, lançamento de uma situação-problema: Em uma propriedade de agricultura familiar temos matérias primas disponíveis para produção agrícola; como melhor aproveitar essas matérias primas para melhorar a produção, já que se percebe a utilização desordenada desse material? No segundo momento para saber os conhecimentos prévios dos (as) alunos (as), vamos indagar o que eles entendem por compostagem; o que temos na propriedade que podemos utilizar como matéria prima para compostagem. No terceiro momento, vamos apresentar um texto contendo os conteúdos para que eles (as) leiam e sistematizam as perguntas anteriores em discussão e der uma solução para situação problema. No quarto momento, realizamos uma demonstração de uma montagem de uma pilha de composto em grupo. Quinto momento realizamos uma avaliação, através de um diálogo.

Recursos didáticos

Quadro branco; piloto; textos; amostras vegetais.

Avaliação

Pediremos aos alunos (as) para falar o que ficou compreendido sobre o assunto. Daí, através das falas poderá identificar, se ficou compreendido ou não o conteúdo trabalhado.

Anexo 12 – Plano de aula de Adriana Miranda

Plano de Aula

Instituição: Universidade Federal Rural de Pernambuco

Curso: Técnico em Agropecuária

Disciplina: Meio ambiente

Professora: **Adriana Miranda**

Duração 50 minutos

Data: 31 de julho de 2018

Objetivo Geral

Sensibilizar os educandos sobre o tema Mata Ciliar, mostrando a importância e os problemas encontrados nessas formações, bem como, discutir baseado na lei, ações no combate a esses crimes ambientais. Estimulando ao final o entendimento/ posicionamento de cada um sobre o tema proposto.

Objetivos específicos

Trabalhar com os educandos o conceito de Mata ciliar;
 Avaliar qual a importância e quais os riscos advindos com a supressão ou redução das matas ciliares;
 Discutir o que está proposto de acordo com Código Florestal Brasileiro;
 Analisar nos casos verídicos, os problemas ocorridos na localidade.

Metodologia

Revisaremos os conhecimentos prévios dos educandos;
 Apresentaremos imagens ilustrativas para facilitar o entendimento sobre Mata Ciliar;
 Realizaremos uma exposição em quadro sobre o tema;
 Serão expostas em cartazes descrições sobre conteúdo proposto;
 Os alunos serão formados em dois grupos e montada uma maquete com dois lados: um com vegetação ciliar e o outro sem a vegetação.

Recursos didáticos

- | | |
|------------------------|----------------------|
| - Pincel | - Materiais vegetais |
| - Quadro | - Garrafa com água |
| - Recortes de notícias | - Cartolina |
| - Imagens ilustrativas | - Isopor |
| - Areia | - Tinta Azul |

Avaliação

- Será avaliada a participação em sala
- atividade prática na construção de uma maquete atribuindo elementos do conteúdo
- Questionamentos levantados durante a apresentação

Referências:

LIMA, W. de P. & ZAKIA, M.J.B. Hidrologia de Matas Ciliares. In. Rodrigues R. R. & Leitão Filho H. de F. de. Matas ciliares: conservação e recuperação. São Paulo: EDUSP, 2001, 320 p.

BRASIL, Congresso. Senado. **Lei N.º 12.651**, de 25 de maio de 2012. Institui sobre o Código Florestal brasileiro. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4771.htm>. Acesso em: 27 jul. 20018.

Martins, S. V.. Recuperação de Matas Ciliares. Viçosa: CPT, 255p. 2007

Anexo 13 – Controle de frequência no estágio referente a Escola Aderbal Galvão

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Departamento de Educação

Disciplina: Estágio Supervisionado II I

Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas


Prof^a. Suely Alves da Silva

CONTROLE DE FREQUÊNCIA NO ESTÁGIO

Nome do aluno(a) JASIEL JOSÉ DE LIMA

Escola Municipal Professor Aderbal Galvão Fone: 3355-6980

Ano 6^o Semestre _____

Data	Atividades Realizadas	Visto professor ou Responsável
26/11/18	REGÊNCIA	

Diretor (a)
Celso Henrique Lopes da Silva
Administrador Escolar
Mat. 37176.8

Prof^a Orientadora

Professor(a) da escola

Anexo 14 – Ficha de avaliação de aula de estágio referente a Escola Aderbal Galvão

FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULA DE ESTAGIÁRIO

Prezado professor:

A sua colaboração é fundamental para a formação dos nossos futuros professores. Neste sentido, solicitamos o seu acompanhamento e avaliação da(s) aula(s) deste estagiário em sua disciplina.

Gostaríamos que preenchesse e assinasse esta ficha de avaliação, acrescentando os comentários que julgar necessários, inclusive no que diz respeito à elaboração da presente ficha.

Certos de podermos contar com a sua valiosa contribuição, agradecemos antecipadamente.

Atenciosamente

Prof^o resp. pelo Estágio Curricular Obrigatório de LA

I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Escola: Escola Municipal Professor Aderbal Galvão
 Disciplina: Ciências
 Nome do professor da disciplina: Maria Inez Santos Duarte
 Série: 6º; Turma: E; nº alunos presentes: 35
 Data: 26/11/18
 Horário: início 07:30; Término 09:10
 Tema da aula: Agricultura Urbana e Agroecológica
 Nome do estagiário: Jasiel Lima

II. TÓPICOS GERAIS PARA A AVALIAÇÃO DA AULA

- | | | | | |
|---|---------|---------|-------|-------|
| 1. Entrega do plano de aula | (x) sim | () não | | |
| | | | ótimo | bom |
| | | | reg. | fraco |
| 2. Como o estagiário iniciou a aula | (x) | () | () | () |
| 3. Desenvolvimento lógico do assunto | (x) | () | () | () |
| 4. Domínio de conteúdo | (x) | () | () | () |
| 5. Adequação do assunto ao nível da turma | (x) | () | () | () |
| 6. Metodologia utilizada | (x) | () | () | () |
| 7. Utilização de recursos | (x) | () | () | () |
| 8. interesse em avaliar a aprendizagem dos alunos | (x) | () | () | () |
| 9. Incentivo à participação do aluno | (x) | () | () | () |
| 10. Nível de contextualização da aula | (x) | () | () | () |
| 11. Utilização do tempo | (x) | () | () | () |
| 12. Outras anotações que julgue necessárias (utilizar c | | | | |

Obs. Não avaliar a aula se o estagiário não apresentar o plano de aula

Anexo 15 – Controle de frequência no estágio referente a Escola Rosina Labanca

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Departamento de Educação

Disciplina: Estágio Supervisionado II I

Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas

Prof.^a Suely Alves da Silva

CONTROLE DE FREQUÊNCIA NO ESTÁGIO

Nome do aluno(a) JASIEL LIMAEscola MUNICIPAL ROSINA LABANCA Fone: -Ano 2018 Semestre _____

Data	Atividades Realizadas	Visto professor ou Responsável
26/11/2018	REGÊNCIA	

Diretor (a)

Prof.^a Orientadora

Isis Bezerra da Silva
 Gestora
 Portaria - 160
 Matrícula - 203574

Anexo 16 – Ficha de avaliação de aula de estágio referente a Escola Rosina Labanca

FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULA DE ESTAGIÁRIO

Prezado professor:

A sua colaboração é fundamental para a formação dos nossos futuros professores. Neste sentido, solicitamos o seu acompanhamento e avaliação da(s) aula(s) deste estagiário em sua disciplina.

Gostaríamos que preenchesse e assinasse esta ficha de avaliação, acrescentando os comentários que julgar necessários, inclusive no que diz respeito à elaboração da presente ficha.

Certos de podermos contar com a sua contribuição, agradecemos antecipadamente.

Atenciosamente

Prof. resp. pelo Estágio Curricular Obrigatório de LA

I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Escola: Colégio Agrícola Dom Antônio IKASDisciplina: PisciculturaNome do professor da disciplina: Dijaci Araújo FerreiraSérie: 4º ano; Turma: 402; n° alunos presentes: 18Data: 28/11/18Horário: início 08:30; Término _____Tema da aula: População monóxica e Perversão SexualNome do estagiário: Jaslu Lima

II. TÓPICOS GERAIS PARA A AVALIAÇÃO DA AULA

- | | | | | |
|--|---------|---------|-------|-------|
| 1. Entrega do plano de aula | (x) sim | () não | | |
| | | | ótimo | bom |
| | | | reg. | fraco |
| 2. Como o estagiário iniciou a aula | () | (o) | () | () |
| 3. Desenvolvimento lógico do assunto | () | () | (o) | () |
| 4. Domínio de conteúdo | () | (o) | () | () |
| 5. Adequação do assunto ao nível da turma | () | (o) | () | () |
| 6. Metodologia utilizada | () | (o) | () | () |
| 7. Utilização de recursos | (o) | () | () | () |
| 8. interesse em avaliar a aprendizagem dos alunos | () | (o) | () | () |
| 9. Incentivo à participação do aluno | () | (o) | () | () |
| 10. Nível de contextualização da aula | () | (o) | () | () |
| 11. Utilização do tempo | () | (o) | () | () |
| 12. Outras anotações que julgue necessárias (utilizar o verso desta ficha) | () | (o) | () | () |

Obs. Não avaliar a aula se o estagiário não apresentar o plano de aula

Dr. Dijaci Araújo Ferreira
Engenheiro de Pesca
Departamento de Pesca e Aquicultura
UFRPE

Anexo 17 – Controle de frequência no estágio referente ao Colégio Dom Agostinho Ikas - CODAI

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Departamento de Educação

Disciplina: Estágio Supervisionado II I

Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas

Profª. Suely Alves da Silva

CONTROLE DE FREQUÊNCIA NO ESTÁGIO

Nome do aluno(a) JASIEL JOSÉ DE LIMA


Escola CODAI

Fone: 3525-4520 -> CENTRO

Ano 2018 Semestre 2º

3519-0283 -> TIUMI

Data	Atividades Realizadas	Visto professor ou Responsável
18/09/18	acompanhamento aula	
25/09/18	u u	
02/10/18	u u	
23/10/18	u u	
28/11/18	REGÊNCIA MANHÃ	
28/11/18	REGÊNCIA TARDE	

 **PROF. MICHEL SATURNINO BARBOSA**
Diretor(a) CODAI-UFRPE
 Matrícula SIAPE: 1581098

Profª Orientadora

Professor(a) da escola

Anexo 18 – Ficha de avaliação de aula de estágio referente ao Colégio Dom Agostinho Ikas – CODAI

FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULA DE ESTAGIÁRIO

Prezado professor:

A sua colaboração é fundamental para a formação dos nossos futuros professores. Neste sentido, solicitamos o seu acompanhamento e avaliação da(s) aula(s) deste estagiário em sua disciplina.

Gostaríamos que preenchesse e assinasse esta ficha de avaliação, acrescentando os comentários que julgar necessários, inclusive no que diz respeito à elaboração da presente ficha.

Certos de podermos contar com a sua contribuição, agradecemos antecipadamente.

Atenciosamente

 Prof. resp. pelo Estágio Curricular Obrigatório de LA

I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Escola: Municipal Rosina Babanco
 Disciplina: Ciências
 Nome do professor da disciplina: Vera Queiroz
 Série: EJA3 Turma: A; n° alunos presentes: 20
 Data: 26/11/18
 Horário: início 18:40; Término 20:00
 Tema da aula: Agricultura urbana e Agroecologia
 Nome do estagiário: Yasiel Lima

II. TÓPICOS GERAIS PARA A AVALIAÇÃO DA AULA

- | | | | | |
|---|---|------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Entrega do plano de aula | <input checked="" type="checkbox"/> sim | <input type="checkbox"/> não | | |
| | | | ótimo | bom |
| | | | reg. | fraco |
| 2. Como o estagiário iniciou a aula | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. Desenvolvimento lógico do assunto | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4. Domínio de conteúdo | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5. Adequação do assunto ao nível da turma | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6. Metodologia utilizada | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7. Utilização de recursos | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 8. interesse em avaliar a aprendizagem dos alunos | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 9. Incentivo à participação do aluno | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 10. Nível de contextualização da aula | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 11. Utilização do tempo | | | | |
| 12. Outras anotações que julgue necessárias | | | | |

Obs. Não avaliar a aula se o estagiário não apresentar o plano de aula

**Anexo 19 – Controle de frequência no estágio referente ao Colégio Dom Agostinho
Ikas - CODAI**

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Departamento de Educação

Disciplina: Estagio Supervisionado III

Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas

Profª. Suely Alves da Silva

CONTROLE DE FREQUÊNCIA NO ESTÁGIO

Nome do aluno(a) JASIEL JOSÉ DE LIMA

Escola CODAI

Fone: 3525-4520 → CENTRO

Ano 2018 Semestre 2º

3519-0283 → TIUMA

Data	Atividade Realizada	Visto professor ou Responsável
11.12.2018 M	Regência	
11.12.2018 M	acompanhamento aula.	
11-12-2018 T	REGÊNCIA	
11-12-2018 T	acompanhamento aula.	

 UFRPE
Diretor do CODAI-UFRPE
Diretor(a) 1581098

Profª. Orientadora

Professor(a) da escola

Anexo 20 – Ficha de avaliação de aula de estágio referente ao Colégio Dom Agostinho Ikas – CODAI

FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULA DE ESTAGIÁRIO

Prezado professor:

A sua colaboração é fundamental para a formação dos nossos futuros professores. Neste sentido, solicitamos o seu acompanhamento e avaliação da(s) aula(s) deste estagiário em sua disciplina.

Gostaríamos que preenchesse e assinasse esta ficha de avaliação, acrescentando os comentários que julgar necessários, inclusive no que diz respeito à elaboração da presente ficha.

Certos de podermos contar com a sua contribuição, agradecemos antecipadamente.

Atenciosamente

Pré

Obrigatório de LA

I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Escola: CODAI / UFRPE

Disciplina: CARCINOCULTURA

Nome do professor da disciplina: KARINE KELLY C. OLIVEIRA FARIAS

Série: TECNIC Turma: A; nº alunos presentes: _____

Data: 11/12/2018

Horário: início _____; Término _____

Tema da aula: QUALIDADE DA A'GUA

Nome do estagiário: JASIEL JOSÉ DE LIMA

II. TÓPICOS GERAIS PARA A AVALIAÇÃO DA AULA

- | | | | | | |
|--|---|---------|-------|-----|------------|
| 1. Entrega do plano de aula | <input checked="" type="checkbox"/> sim | () não | | | |
| | | | ótimo | bom | reg. fraco |
| 2. Como o estagiário iniciou a aula | () | () | () | () | () |
| 3. Desenvolvimento lógico do assunto | () | () | () | () | () |
| 4. Domínio de conteúdo | () | () | () | () | () |
| 5. Adequação do assunto ao nível da turma | () | () | () | () | () |
| 6. Metodologia utilizada | () | () | () | () | () |
| 7. Utilização de recursos | () | () | () | () | () |
| 8. interesse em avaliar a aprendizagem dos alunos | () | () | () | () | () |
| 9. Incentivo à participação do aluno | () | () | () | () | () |
| 10. Nível de contextualização da aula | () | () | () | () | () |
| 11. Utilização do tempo | () | () | () | () | () |
| 12. Outras anotações que julgue necessárias (utilizar o verso) | | | | | |

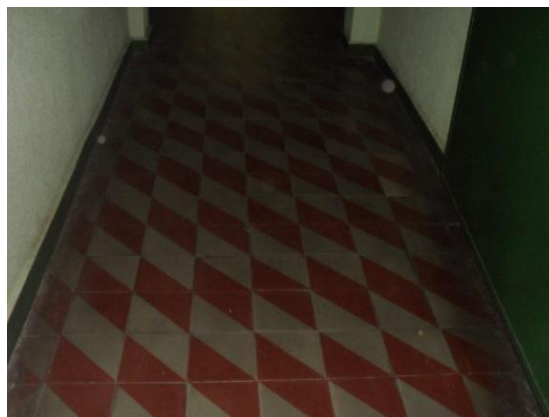
Ass:

Obs. Não avaliar a aula se o estagiário não apresentar o plano de aula

Mostrou tranquilidade e ~~apresentou~~ durante a aula, o que demonstra que o sala de aula é um ambiente confortável. Aspecto esse fundamental para a aprendizagem.

8. APÊNDICE

Apêndice A - Fotos ilustrativas do patrimônio do CODAI



Fonte: Fotos próprias

Apêndice B - Fotos ilustrativas do patrimônio do CODAI

Fonte: Fotos própria

Apêndice C - Plano de aula de Jasiel José de Lima

UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco

CODAI – Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas.

Curso: Técnico em Agropecuária.

4º Período.

Disciplina: Piscicultura.

Docente: Jasiel Lima.

Aula I: Introdução à Piscicultura.

São Lourenço da Mata, 24/07/2017.

PLANO DE AULA

Objetivos	Conteúdo	Metodologia	Materiais	Avaliação
Perceber conceito e importância da Piscicultura.	Conceitos e importância da aquicultura.	Pesquisa rápida, importância do peixe na alimentação e breve histórico da piscicultura, leitura de gráfico e tabela.	Quadro, piloto, notebook projetor, e atividade.	* Continuada e processual. * Observação na interação com o assunto e participação na aula. * Questionamento/ resposta. * Capacidade de resumo de aula, com proposição de atividade.
Diferenciar Piscicultura continental e costeira.	Introdução à piscicultura continental e costeira.	Exposição de imagens, questionamento e diálogo.		
Visualizar um tipo de sistema integrado de criação.	Introdução à sistema integrado de criação.	Exposição de imagens, questionamento e diálogo.		
Refletir sobre Pacote tecnológico.	Pacote tecnológico.	Questionamento, leitura texto e diálogo.		
Observar as Principais espécies cultivadas no Brasil.	Alusão às principais espécies cultivadas no Brasil.	Leitura de gráfico e diálogo.		
Focalizar produção sustentável.	Produção sustentável.	Diálogo sobre produção sustentável.		

Referências:

- Brasil. Ministério da Saúde.** Secretaria de Atenção à Saúde. Guia alimentar para a população brasileira : promovendo a alimentação saudável / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, . – Brasília : Ministério da Saúde, 2008. 210 p. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos).
- MPA – MINISTÉRIO DA PESCA E AQUICULTURA. 1º Anuário Brasileiro da Pesca e Aquicultura.** Associação cultural e educacional do Brasil – ACEB. Rio de Janeiro. 2014.
- SOARES, Karoline Mikaelle de Paiva. GONÇALVES Alex Augusto. Qualidade e segurança do pescado Seafood quality and safety.** Revista do Instituto Adolfo Lutz (Impresso). Rio Grande do Norte. 2012.
- BRASIL** food ingredients. **Propriedades Funcionais das Proteínas do Peixe.** <http://www.revista-fi.com/materias/100.pdf>. Brasil. 2009.
- VINATEA, Luís.** Aquicultura Evolução Histórica. Revista Panorama da Aquicultura. <http://www.panoramadaaquicultura.com.br/paginas/Revistas/30/evolucao.asp> - Visitado em 23/07/2017.
- FAO. El estado mundial de la pesca y la acuicultura 2016.** Contribución a la seguridad alimentaria y la nutrición para todos. Roma. 224 pp. 2016. - <http://peru.oceana.org/es/blog/claves-para-entender-el-manejo-de-la-pesqueria-de-anchoveta> - Visitado em 23/07/2017.
- REYNOL, Fábio.** Aquicultura brasileira cresce 123% em dez anos. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. São Paulo. 2016** <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/18797150/aquicultura-brasileira-cresce-123-em-dez-anos> - Visitado em 23/07/2017.
- ARCE, Álvaro. EL COMERCIO. Quota de pesca da anchova será 2,8 milhões de toneladas. Perú. 2017.** <http://elcomercio.pe/economia/cuota-pesca-anchoveta-sera-2-8-millones-toneladas-422744?foto=2> - Visitado em 23/07/2017.
- PERÚ, 2016.** Oceana Protegiendo los Océanos del mundo. **Chaves para comprender a gestão da pesca do biqueirão. Perú. 2016.** <http://peru.oceana.org/es/blog/claves-para-entender-el-manejo-de-la-pesqueria-de-anchoveta> - Visitado em 24/07/2017.
- PERÚ, 2017.** Oceana Protegiendo los Océanos del mundo. **Como é a anchoveta peruana no mar? Resumimos as conclusões de IMARPE. Perú. 2017.** <http://peru.oceana.org/es/blog/como-esta-la-anchoveta-en-el-mar-peruano-resumimos-los-hallazgos-de-imarpe> - Visitado em 24/07/2017.

Apêndice D - Plano de aula de Jasiel José de Lima

UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco -// CODAI – Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas.

Curso: Técnico em Agropecuária -// 4º Período -// Disciplina: Piscicultura.

Docente: **Jasiel Lima.**

Aula I: Introdução à Piscicultura.

Plano de aula

São Lourenço da Mata, 19/06/2018.

Objetivos	Conteúdo	Metodologia	Materiais	Avaliação
Perceber conceito e importância da piscicultura.	Conceitos e importância da piscicultura.	Pesquisa rápida, importância do peixe na alimentação e breve histórico da piscicultura.	Quadro, Piloto, Notebook Projeto, E Atividade.	* Continuada e processual. * Observação na interação com o assunto e participação na aula. * Questionamento/resposta. * Capacidade de resumo de aula, com proposição de atividade.
Diferenciar Piscicultura continental e costeira.	Introdução à piscicultura continental e costeira.	Exposição de imagens, questionamento e diálogo.		
Visualizar dois tipos de sistema integrado de criação.	Introdução ao sistema integrado de criação.	Exposição de imagens, questionamento e diálogo.		
Observar as Principais espécies cultivadas no Brasil.	Alusão às principais espécies cultivadas no Brasil.	Leitura de gráfico e diálogo.		

Referências:

- **Brasil. Ministério da Saúde.** Secretaria de Atenção à Saúde. Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 210 p. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos).
- **MPA – MINISTÉRIO DA PESCA E AQUICULTURA. 1º Anuário Brasileiro da Pesca e Aquicultura.** Associação cultural e educacional do Brasil – ACEB. Rio de Janeiro. 2014.
- **VINATEA, Luís.** Aquicultura Evolução Histórica. Revista Panorama da Aquicultura. <http://www.panoramadaaquicultura.com.br/paginas/Revistas/30/evolucao.asp> - Visitado em 19/06/2018.
- **FAO. El estado mundial de la pesca y la acuicultura 2016.** Contribución a la seguridad alimentaria y la nutrición para todos. Roma. 224 pp. 2016.
- **Google imagem**

Apêndice E - Plano de aula de Jasiel José de Lima

Plano de aula

Jasiel Lima

IDENTIFICAÇÃO

Instituição: Escola Municipal Professor Aderbal Galvão

Curso: Ensino fundamental 6º ano

Componente Curricular: Ciências

Tema da aula: Agricultura Urbana e Agroecológica

Professor: Inês (Jasiel Lima)

Data: 26.11.2018

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Perceber a importância da agricultura; da agricultura urbana e em especial a agroecológica.

Objetivo Específicos:

- Conceituar as expressões: * Agricultura; * Rural; * Urbana e * Agroecologia.
- Compreender algumas questões sobre a história da agricultura no mundo e no Brasil.
- Perceber a seriedade do desmatamento e uso de agrotóxicos.
- Observar a dicotomia entre a agricultura industrial e a agricultura familiar agroecológica.
- Compreender a importância da agricultura urbana e exemplos de hortas caseiras.
- Fixar os conteúdos.

METODOLOGIA

- Propor uma atividade para se perceber os conhecimentos prévios sobre a agricultura: Solicitar que os estudantes indiquem alguns pontos importantes sobre a agricultura, escrever no quadro os pontos levantados numerando-os.
- Apresentar conceitos sobre: Agricultura Rural e Urbana e Agroecologia.
- Lançar algumas questões sobre a história da agricultura no Brasil e no mundo.
- Pontuar a seriedade do desmatamento e uso de agrotóxicos.
- Expor a dicotomia entre a agricultura industrial e a agricultura familiar agroecológica.
- Demonstrar a importância da agricultura urbana e exemplos de hortas caseiras.
- Propor uma continuação da atividade inicial: Perguntar o que eles acrescentariam a lista existente, entregar cartelas, previamente preparadas, e propor um bingo com as palavras, para promover memorização do conteúdo. Aos que completarem a cartela; solicitar uma breve fala sobre um dos itens contidos na cartela e após entregar um brinde.

RECURSOS UTILIZADOS

- Quadro Branco.
- Piloto para quadro branco.
- Projetor, notebook, tela para projeção.
- Cartelas.
- Brindes.

AValiação

- Continuada e processual, percebendo-se a participação nas atividades e na aula como um todo.

Apêndice F - Plano de aula de Jasiel José de Lima

Plano de aula

Jasiel Lima

IDENTIFICAÇÃO

Instituição: Escola Municipal Rosina Labanca
Curso: EJA - Ensino de Jovens e Adultos
Componente Curricular: Ciências
Tema da aula: Agricultura Urbana e Agroecológica
Professor: Inês (Jasiel Lima)

Data: 26.11.2018

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Perceber a importância da agricultura; da agricultura urbana e em especial a agroecológica.

Objetivos Específicos:

- Conceituar as expressões: * Agricultura; * Rural; * Urbana e * Agroecologia.
- Compreender algumas questões sobre a história da agricultura no mundo e no Brasil.
- Perceber a seriedade do desmatamento e uso de agrotóxicos.
- Observar a dicotomia entre a agricultura industrial e a agricultura familiar agroecológica.
- Compreender a importância da agricultura urbana e exemplos de hortas caseiras.
- Fixar os conteúdos.

METODOLOGIA

- Propor uma atividade para se perceber os conhecimentos prévios sobre a agricultura: Solicitar que os estudantes indiquem alguns pontos importantes sobre a agricultura, escrever no quadro os pontos levantados numerando-os.
- Apresentar conceitos sobre: Agricultura Rural e Urbana e Agroecologia.
- Lançar algumas questões sobre a história da agricultura no Brasil e no mundo.
- Pontuar a seriedade do desmatamento e uso de agrotóxicos.
- Expor a dicotomia entre a agricultura industrial e a agricultura familiar agroecológica.
- Demonstrar a importância da agricultura urbana e exemplos de hortas caseiras.
- Propor uma continuação da atividade inicial: Perguntar o que eles acrescentariam a lista existente, entregar cartelas, previamente preparadas, e propor um bingo com as palavras, para promover memorização do conteúdo. Aos que completarem a cartela; solicitar uma breve fala sobre um dos itens contidos na cartela e após entregar um brinde.

RECURSOS UTILIZADOS

- Quadro Branco.
- Piloto para quadro branco.
- Projetor, notebook, tela para projeção.
- Cartelas.
- Brindes.

AVALIAÇÃO

- Continuada e processual, percebendo-se a participação nas atividades e na aula como um todo.

Apêndice G - Plano de aula de Jasiel José de Lima

Jasiel Lima

Plano de aula

IDENTIFICAÇÃO

Instituição: CODAI – Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas**Curso:** Técnico de Nível Médio em Agropecuária**Componente Curricular:** Piscicultura**Tema da aula:** População Monossexo e Reversão Sexual**Professor:** Dijaci Araujo (Jasiel Lima)**Data:** 28.11.2018

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Desenvolver a compreensão de alguns processos de reversão sexual, percebendo sua importância para a piscicultura.**Objetivo Específicos:**

- Compreender algumas questões sobre a reprodução e reprodutores.
- Observar algumas formas de obtenção de sementes (larvas e alevinos).
- Perceber a importância de uma população de indivíduos de um mesmo sexo, para o cultivo.
- Compreender algumas técnicas de reversão sexual.
- Fixar os conteúdos.

METODOLOGIA

- Propor uma atividade para se perceber os conhecimentos prévios sobre a piscicultura: Solicitar que os estudantes indiquem alguns pontos importantes para o sucesso de um cultivo de peixes, escrever no quadro os pontos levantados numerando-os.
- Apresentar o tema de forma expositiva e dialogada.
- Lançar algumas questões sobre reprodução e reprodutores e também obtenção de sementes.
- Pontuar a importância de uma população de indivíduos monossexo para o cultivo.
- Expor algumas formas de montar um cultivo com indivíduos monossexo.
- Propor a continuação da atividade inicial: Perguntar o que eles acrescentariam a lista existente, entregar cartelas, previamente preparadas, e propor um bingo com as palavras, para promover memorização do conteúdo. Aos que completar a cartela, solicitar uma breve fala sobre um dos itens contidos na cartela, e após entregar um brinde.

RECURSOS UTILIZADOS

- Quadro Branco.
- Piloto para quadro branco.
- Projetor, notebook, tela para projeção.
- Cartelas.
- Brindes.

AVALIAÇÃO

- Continuada e processual, percebendo-se a participação nas atividades e na aula como um todo.

Apêndice H - Plano de aula de Jasiel José de Lima

Jasiel Lima

Plano de aula

IDENTIFICAÇÃO

Instituição: CODAI – Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas**Curso:** Técnico de Nível Médio em Agropecuária**Componente Curricular:** Carcinocultura**Tema da aula:** Qualidade de Água na Criação de Camarões**Professor:** Karina (Jasiel Lima)**Data:** 11.12.2018

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Desenvolver a compreensão dos parâmetros mais importantes para qualidade de água num cultivo de camarões.**Objetivo Específicos:**

- Compreender algumas questões sobre a água na carcinocultura.
- Observar algumas formas de controle dos parâmetros de qualidade de água num cultivo de camarões. .

METODOLOGIA

- Apresentar o tema de forma expositiva e dialogada.
- Lançar algumas questões sobre a água e sua importância, inclusive para a carcinocultura.
- Pontuar a importância dos parâmetros de qualidade de água no cultivo.
- Expor algumas formas de manter os parâmetros de qualidade de água em níveis aceitáveis para o cultivo.
- Propor uma atividade para avaliação e fixação do conteúdo. Dividir em equipes propor que cada equipe faça 3 perguntas sobre o assunto, cada resposta certa vale 1 pontos. Vence a equipe com mais pontos.

RECURSOS UTILIZADOS

- Quadro Branco.
- Piloto para quadro branco.
- Projetor, notebook, tela para projeção.
- Brindes.

AVALIAÇÃO

- Continuada e processual, percebendo-se a participação nas atividades e na aula como um todo.

9. DADOS E ASSINATURAS

- ✓ Graduando em Engenharia de Pesca e Aquicultura (UFRPE)
- ✓ Rua: Joana Angélica, nº 77, Jardim Penedo, São Lourenço da Mata – PE
Cep. 54715.340
- ✓ (081) – 9.8834-8684
- ✓ jasiellima@hotmail.com

Recife, 28 de janeiro de 2019

Jasiel José de Lima

Orientadora: Dra. Suely Alves da Silva